

início
1994

A EXTRAÇÃO E A COMERCIALIZAÇÃO DO JABORANDI NO MARANHÃO

Equipe de Pesquisa

Coordenadora: Maristela de Paula Andrade

Pesquisadores: Luiz Fernando do Rosário Linhares

Murilo Santos

Cynthia Carvalho Martins

**SÃO LUÍS
AGOSTO/1994**

ÍNDICE

I - APRESENTAÇÃO	05
II - INTRODUÇÃO	07
A. Descrição Geral da Área Pesquisada	07
1) Situação, Limites e Extensão	07
2) Aspectos Climáticos	07
3) Hidrografia	07
4) Formação Geológica e Solos	07
5) Solos	08
6) Relevo	09
7) Vegetação	
B. O Jaborandi - informações gerais	12
III - A REDE DE COMERCIALIZAÇÃO - os vários atores sociais envolvidos da coleta à exportação do jaborandi	18
A. A identificação da folha do jaborandi	18
B. O calendário da extração	22
C. Efeitos da planta para a saúde dos coletadores	23
D. As técnicas de extração do jaborandi por indígenas e camponeses	25
E. Relações entre coletadores e intermediários	27
1. O acesso ao jaborandi	27
2. Relações entre a Vegetex e os chamados fornecedores	28

3. Relações entre fornecedores, gatos, cantineiros ou compradores	31
4. A Classificação da folha do jaborandi conforme o teor de pilocarpina	32
5. Relações entre os agenciadores de força de trabalho e os coletadores - o sistema de barracão	33
IV - A EXPLORAÇÃO DO JABORANDI NA ÁREA INDÍGENA ARARIBÓIA, MARANHÃO	38
A. As áreas indígenas no Maranhão	38
B. Postos indígenas e aldeias da AI Araribóia	40
C. Pequena história da exploração do jaborandi na Área indígena Araribóia	42
D. Relações de exploração do trabalho dos índios	46
1. O sistema de barracão	46
2. O arrendamento da Área Indígena	50
3. O sistema de extração autônoma do jaborandi pelos índios	54
4. Diferença na qualidade das folhas coletadas por índios e não índios	55
5. A atividade agrícola e a extração do jaborandi	56
E. O escoamento do jaborandi das A.I	60
F. A questão da madeira e sua relação com o jaborandi	61
G. Relação dos índios com o órgão oficial	64
H. A importância do jaborandi na economia indígena	67
V - EXTRAÇÃO E EXTINÇÃO DO JABORANDI NO MARANHÃO	69
A. Relações de concorrência entre diferentes empresas	

voltadas à exploração do jaborandi no MA 69

B. Fatores que contribuíram para exaurir o jaborandi nativo 72

C. O plantio e o replantio como forma de conservação 76

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS 80

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 81

ANEXOS

MAPAS

1. Mapa do Brasil mostrando a localização do estado do Maranhão

2. Mapa do Maranhão com localização da área de pesquisa

3. Mapa do Maranhão com municípios com ocorrência de jaborandi

4. Mapa do Maranhão com hidrografia da área pesquisada

5. Mapa do Maranhão contendo todas as Reservas Indígenas

6. Área Indígena Araribóia com respectivas aldeias

ANEXO II

CADERNO DE FOTOGRAFIAS

ANEXO III

FOLHETOS E OUTROS MATERIAIS INFORMATIVOS UTILIZADOS PELA MERCK

I - APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi realizado com o apoio da Pão Para o Mundo. O objetivo era elaborar um dossiê, com informações primeiras acerca do jaborandi e da fava d'anta, de modo a subsidiar a discussão em torno de uma possível extração autônoma da folha de parte de indígenas e camponeses. O resultado final, no que se refere ao jaborandi, mais do que um trabalho conclusivo, aponta pistas e indicações neste sentido. Quanto à fava d'anta, a pesquisa foi só parcial e os dados coligidos, por serem insuficientes, não farão parte deste relatório. Pretendemos, na continuidade do trabalho, tratar da fava d'anta com profundidade.

Na realidade, o trabalho centrou-se mais sobre a coleta e comercialização do jaborandi, apenas, pois a fava d'anta é encontrada numa área muito mais extensa do Maranhão, em regiões de cerrado, merecendo uma atenção específica.

Participaram da realização deste trabalho Luís Fernando do Rosário Linhares, agrônomo; Murilo Santos fotógrafo; Maristela de Paula Andrade, antropóloga e Cynthia de Carvalho Martins, graduada em Ciências Sociais.

Luís Fernando Linhares, Murilo Santos e Cynthia Martins, realizaram viagens a campo em diversos períodos, para os municípios de Barra do Corda, Grajaú, Imperatriz, Açailândia, Santa Luzia, Arame, Amarante, Buriticupu, onde visitaram áreas de camponeses e de indígenas.

Murilo Santos, além de trabalhar como fotógrafo, contribuiu na coleta das entrevistas em campo e nas discussões gerais de trabalho.

Maristela de Paula Andrade discutiu o material de campo, participou de sua classificação e da elaboração do relatório, juntamente com Luís Fernando Linhares e Cynthia Martins. É sua a revisão final do trabalho.

Henning Reetz discutiu com a equipe no decorrer do trabalho, levantando algumas questões a serem pesquisadas.

Foram realizadas 04 viagens, com um período de permanência em campo que variou de 07 a 20 dias. Foram entrevistados homens, mulheres e crianças camponesas e indígenas coletadores do jaborandi, assim como várias categorias de intermediários - os chamados fornecedores, cantineiros ou gatos. Foi entrevistado, ainda, o gerente de vendas da Merck em São Luís que forneceu algumas informações sobre a fava d'anta. Outras fontes consultadas foram o CIML, a FUNAI, o INCRA e a própria MERCK.

Em anexo a este relatório apresentam-se um conjunto de mapas, um caderno de fotografias e materiais informativos da própria Merck. Com relação às fotos, é necessário ressaltar que não se referem, apenas, a temas ligados ao jaborandi. Procurou-se, por meio delas, fornecer informações sobre indígenas e camponeses da área pesquisada - moradia, meios de transporte, tipos físicos e outras. Algumas fotos da região de Açailândia e Buriticupu referem-se à questão das guserias, ou seja, de problemas relacionados à extração

da madeira em área indígena. Essas questões estarão sendo tratadas no âmbito dos trabalhos que preparam o Seminário Consulta Carajás, a ser realizado em 1995.

Resta dizer, ainda, que várias dessas fotos foram feitas a pedido dos próprios informantes e os pesquisadores delas se valeram para estabelecer laços de amizade e/ou retribuir hospedagem. Algumas delas não constam do trabalho, pois foram enviadas às famílias por portadores que estiveram em São Luís.

II - INTRODUÇÃO

A. DESCRIÇÃO GERAL DA ÁREA DE PESQUISA ¹

1) Situação, Limites e Extensão

A área de pesquisa situa-se no Estado do Maranhão, nas zonas fisiográficas denominadas Alto Mearim (Amarante do Maranhão, Arame, Barra do Corda e Grajaú) e Pindaré (Santa Luzia), possuindo uma área de 50.354 km² e seus limites extremos compreendem as seguintes coordenadas geográficas - ao Norte 3o 40' 12"S e 45o54'29' WGr; ao Sul 6o53'37" S e 46o20'19" WGr; ao Leste 50o 57' 30" S e 44o31'34"; ao Oeste 5o 35' 53" S e 46o 56' 38" WGr.

2) Aspectos Climáticos

De acordo com a classificação de Gaussen a maior parte da área situa-se na Sub-região Termoxeroquimênica (4 cTh) - tropical quente de seca atenuada, tendo de três a quatro meses secos.

A precipitação pluviométrica média anual varia entre 1000 e 1750 mm. O trimestre mais úmido é janeiro, fevereiro, março. As chuvas máximas em 24 horas podem chegar a 150 mm nos municípios situados mais ao Norte. A deficiência hídrica anual é em torno de 400 mm.

A temperatura média anual é em torno de 26 o C, nos municípios mais ao Norte, podendo chegar a 25o C na parte Sul.

3) Hidrografia

O extremo Oeste é drenado pelo rio Pindaré e o Leste pelos rios Alpercatas e das Flores. Na parte mais central da área aparecem outros importantes rios da bacia hidrográfica como: Buriticupu, Zutiua, Grajaú, Mearim e Corda. Além desses, existem os rios menores como o Santana, Tamparu, Ourives e mais alguns riachos e ribeirões (Ver mapa).

4) Formação Geológica e Solos

Formação Itapecuru (Ki)

É a formação geológica predominante na área pesquisada. É constituída essencialmente de arenitos de diversas cores, onde predominam o cinza, róseo e vermelho, de granulometria fina, argilosa, com estratificação cruzada.

Ocorre em grandes extensões formando chapadões que se estendem desde a parte central do estado, até, praticamente, o litoral.,

¹ - Cf JACOMINE, Paulo Klinger Tiço et alii - Levantamento Exploratório - Reconhecimento de solos do Estado do Maranhão, Rio de Janeiro, EMBRAPA-SNLCS/SUDENE-DRN, 1986.

Aflora em uma faixa restrita, nos arredores da cidade de Codó, prolongando-se para sudoeste, nos municípios de Barra do Corda, Grajaú, entre outros.

Formação Barreiras (Tb)

Encontrada principalmente na parte Oeste da área. Trata-se de coberturas detríticas, de natureza arenosa, siltosa ou argilosa, apresentando, às vezes, cangas ou bancos de seixos grosseiros. Possuem cor amarela, rósea ou vermelha, havendo sempre variação de local para local.

Formação Sambaíba (TRs)

Ocorre na parte Sul da área e é composta por um conjunto de arenitos sobrepostos à formação pedra de fogo, formando altos platôs que servem de divisor de águas entre vários rios. É constituída, principalmente, por arenito de cores vermelha, rósea, amarela e branca, fino a médio, pouco argiloso, bem selecionado, apresentando finas intercalações de sílex e muitas estratificações cruzadas.

Formação Orozimbo (JKo)

É composta principalmente por basalto de cores preta e verde-escuro, quando fresco, tomando outras cores quando alterado, com forma de descamação esferoidal, apresentando, freqüentemente, amígdalas preenchidas por zeólitos ou calcitas. Ocorre principalmente nas partes oeste e sudeste.

5) Solos

Na parte Norte da área pesquisada ocorrem Associações de solos PODZÓLICO VERMELHO-AMARELO, LATOSSOLO AMARELO DISTRÓFICO, PODZÓLICO VERMELHO AMARELO EUTRÓFICO e PLINTOSSOLO.

No Sudeste da área, além do LATOSSOLO e PODZÓLICO encontramos pequenas manchas de associações de solos litólicos. Ao Sul encontramos associações de VERTISSOLO, TERRA ROXA ESTRUTURADA e SOLOS LITÓLICOS.

6) Relevo

O relevo é composto basicamente de chapadas altas, chapadas baixas e superfícies suaves e forte onduladas.

Chapadas altas - correspondem ao primeiro nível de erosão, nível mais alto das chapadas, sendo tipicamente de superfícies tabulares. Formam verdadeiras mesas, com relevo predominantemente plano. As altitudes vão desde 150 metros na parte norte ocidental, até 600 metros na parte Sul do estado. Estão, de modo geral, associados ao LATOSSOLO AMARELO.

Chapadas baixas - Trata-se de compartimentos tabulares mais rebaixados que as chapadas altas, com altitudes variando entre 100 e 400 m. Estão associadas aos solos LATOSSOLO AMARELO, AREIAS QUARTZOSAS, LATOSSOLO VERMELHO-ESCURO, PODZÓLICO VERMELHO-AMARELO CONCRECIONÁRIO, PLINTOSSOLO e PODZÓLICO ACINZENTADO, todos ácidos e distróficos.

Superfícies onduladas - São assim denominadas as inúmeras áreas de relevo movimentado, abrangendo diversos níveis de erosão. Estão relacionadas com encostas de chapadas, desníveis acentuados, encostas de vales e elevações como serras, morros e colinas. As altitudes dessas áreas variam de 50 a 150 metros no Norte do Estado e de 300 a 500 metros na parte Sul.

Estão relacionados com os solos PODZÓLICO VERMELHO-AMARELO, SOLOS LITÓLICOS E TERRA ROXA ESTRUTURADA.

Nessas categorias destacam-se as superfícies suave onduladas e forte onduladas. A primeira não menos movimentada, com relevo variando de suave ondulado a ondulado, podendo conter partes forte ondulado. As segundas são bastante movimentadas, onde o relevo varia de ondulado a forte ondulado, podendo ser montanhoso.

7) Vegetação

A área de pesquisa possui vários tipos de vegetação primitiva que podem ocorrer isolada ou associadamente. Desta forma, podemos encontrar as florestas caducifólia, subcaducifólia, e cerrado/floresta subcaducifólia, subcaducifólia e/ou subcaducifólia/caducifólia e, ainda subperenifolia.

Floresta Caducifólia

Ocorre em pequenas áreas espalhadas por diversas partes do estado, ocupando principalmente vales ou áreas pediplanadas, com relevo plano e suave ondulado, algumas vezes ondulado. É comum, em suas áreas degradadas, espécies como "sabiá" *Mimosa* sp, "paus terra" *Qualea* ssp e "lixreira" *Anatella americana*.

Em alguns lugares, esta formação apresenta um porte arbóreo bem definido e aparenta uma caatinga arbórea onde foram observadas espécies como "angico" *Anadenanthera macrocarpa* (Benth.) Brenam, "aroeira" *Astroniuim urundeuva*, "pau de rato" ou "catingueira" *Caesalpina pyramidalis* Tul., "mandacaru" *Aurus* sp e "mororó" *Bauhimia* sp. Também foi encontrada a espécie conhecida vulgarmente como amargoso.

Este tipo florestal relaciona-se com áreas de solos Brunizem Avermelhado, Vertissolo, Cambissolo Ta Eutrófico e Podzólico Vermelho-amarelo Ta e Tb Eutrófico.

Floresta Subcaducifólia/caducifólia

Trata-se de uma das facies mais seca da floresta subcaducifólia onde fez-se opção pelo termo subcaducifólia/caducifólia. Apresenta-se verde durante grande parte do ano, porém, nos últimos meses mais secos, já se encontra, em muitos trechos, praticamente caducifólia.

Entre as espécies encontradas citam-se: "massaranduba" *Manilkara* sp, "caneleiro" *Cenostigma gardnerianum*, "imbaúba" *Cenopia* spp, "pau d'óleo" *Copaifera* sp, "cedro" *Cedrella* sp, "sapucaia" *Lecythis* sp, "mulungu" *Erythrina* sp e palmeiras como "macaúba" *Anocomia spicata* e "babaçu" *Orbignyia* sp (ou ssp). Nesta formação também aparecem "jacarandá", "jitirana", "paus d'arcos", "candieiro", "pente de macaco", "tamboril", "mirindiba", "cundururu", "castanha de burro", "pitiá" e "angico- de - besouro, entre outras. Em alguns trechos há ocorrência de babaçu, em outros, penetração de espécies do cerrado.

Floresta Subcaducifólia

Apresenta as mesmas espécies ou, pelo menos, a maior parte das espécies da floresta subcaducifólia/caducifólia, diferindo desta por apresentar-se no período mais seco com uma menor caducidade das espécies.

Floresta Subperenifólia (tropical)

Estende-se de Nova Olinda para o Sul até após Açailândia. avançando para Oeste até a divisa com o Pará e para Leste em direção ao rio Grajaú, até a faixa Sul do município de Paulo Ramos. Com porte arbóreo bastante alto, apresenta em sua composição florística espécies como "sapucaia" *Lecythis usitata* Miers. var. *paraensis* (Ducke), "massaranduba" *Manilkara* sp, "imbaúba" *Cecropia* sp, "maracatiara" *Astronium lecontei* Ducke, "acapu" *Vouacapoua americana*, "pau santo" *Zollernia* sp., "juçara" *Euterpe* sp e "axixá" *Sterculia* spp.

Está relacionada principalmente com áreas de Plintossolo, Latossolo Amarelo e Podzólico Vermelho- Amarelo plíntico e não plíntico.

Cerrados

São formações normalmente pouco densas, biestratificadas onde o estrato rasteiro é graminóide o o arbóreo-arbustivo possui em grande parte súber espesso (Rizzini, 1971), ramificação irregular folhas endurecidas. Em algumas áreas tornam-se abertos (campo cerrado) e, em outras, aparecem mais densos (copas que se tocam) com maior porte arbóreo (cerradão).

Predominantemente subcaducifólios, os cerrados ocupam extensas áreas de chapadas relacionando-se com latossolos e Areias Quartzosas, ambos álicos e/ou Distróficos. em algumas chapadas elevadas onde o clima é do tipo 4cTh de Gaussen e as altitudes superam os 700 metros, o cerrado, considerado como subcaducifólio, poderá ser subperenifólio/subcaducifólio. Em outras áreas, às vezes relacionadas com solos litólicos e Planossolos, ocorrem manchas significativas de cerrado caducifólio quase sempre associado à sua transição para caatinga.

Encontramos várias espécies nos cerrados maranhenses: "faveira de bolota", "paus terra", "pequizeiro", "barbatimão", "pau pombo", "cachomorra", "lixeira", "jatobás", "sucupira amarela", "bacuri", "cajuí", "mangaba", "pau d'óleo", entre outras.

B. O Jaborandi - Informações gerais

O jaborandi (*Pilocarpus jaborandi*) é um arbusto da família das rutáceas que, no Brasil, ocorre, principalmente, na parte Leste da Amazônia. Das folhas desta planta são extraídos os sais de pilocarpina, um alcalóide utilizado na fabricação de um colírio indicado para o controle do glaucoma, doença que se caracteriza pela elevação irregular da pressão do globo ocular e que pode levar à cegueira². A Merck não produz esse colírio, mas fornece a pilocarpina a outras indústrias. Atualmente, os sais de pilocarpina são produzidos em Parnaíba, Piauí, pela Vegetex, subsidiária da Merck e exportados para América, Ásia e Europa³.

Há várias espécies de jaborandi, existindo, inclusive, aquelas que não se prestam à extração da pilocarpina.

A Merck é a principal empresa que atua na exploração do jaborandi no Maranhão e no Brasil, tendo completado 70 anos de atividade neste país, 26 naquele estado e 325 no mundo.

De acordo com a Revista Merck Nordeste "a implantação das empresas no nordeste incluiu também um conjunto de medidas para a melhoria das espécies e a preservação da fava d'anta e de diversas espécies de jaborandi, inclusive algumas não utilizadas para a extração da pilocarpina"⁴.

A Merck detém, praticamente, grande parte do conhecimento gerado sobre a planta, porque enquanto explorava a planta nativa, trabalhava, paralelamente, no sentido de conhecer as suas propriedades, botânicas e agrônômicas. Seu objetivo era "além de preservar o jaborandi, assegurar a quantidade de matéria prima vegetal necessária a produção de pilocarpina".⁵

Deste modo, a empresa estabeleceu, em 1981, no município de Santa Luzia, Maranhão, na fazenda Faísa, em 25.000 ha, campos experimentais, nos quais, durante anos, pesquisou o jaborandi, tendo em vista sempre o cultivo dirigido, de modo que a planta não perdesse as propriedades de interesse para a exploração da pilocarpina. Hoje a Merck utiliza, ao que tudo indica, várias espécies para exploração industrial. Em 1972, já havia adquirido a Vegetex, no estado do Piauí, transferindo para essa fábrica a produção de pilocarpina, antes realizada em São Luís. A partir daquele ano, iniciou, em São Luís, nos 400 ha do Sítio Aguahi, pesquisas com o jaborandi. Segundo a empresa, esses trabalhos tinham a finalidade de "domesticação do jaborandi nativo ali encontrado"⁶

² - MERCK - Merck Nordeste, 1993, p. 09

³ - Idem, p. 12

⁴ - Idem, p. 01

⁵ - Idem, p. 13

⁶ - Idem, p. 07

Conforme a Revista citada, "os sais de pilocarpina, extraídos do jaborandi (*Pilocarpus pinnatifolius*), foram um dos primeiros alcalóides produzidos pela Merck"⁷. Como se pode observar jaborandi e *pinnatifolius* são espécies diferentes do gênero *Pilocarpus*. Isto significa que, embora genericamente se denomina a planta com o nome da primeira espécie citada, esta, na verdade, possui várias espécies, devidamente catalogadas pela empresa.

No mesmo documento da empresa que vem sendo citado, encontramos a este respeito: "... contudo, o primeiro arbusto de *Pilocarpus pinnatifolius* foi levado a Dulmen, na Alemanha, por Libon, em 1847"⁸.

O jornal O Estado do Maranhão, dia 21 de outubro de 1993 publicou, em reportagem intitulada "Merck amplia ação no Maranhão" a informação que se segue: "os dirigentes da Merck aproveitam o encontro para entregar ao Governador uma revista sobre os 70 anos da empresa no Nordeste e sobre os 25 anos no Maranhão. Desde sua origem, a Merck está ligada à pesquisa e produção de matérias primas e medicamentos a partir de vegetais. no Nordeste, a empresa produz, principalmente, pilocarpina e rutina, a partir de jaborandi e fava d'anta, respectivamente".⁹

Verifica-se que a coleta do jaborandi iniciou-se em diferentes épocas conforme as diversas áreas de ocorrência. Nas entrevistas com os diversos agentes sociais atuantes na cadeia de comercialização do jaborandi, constata-se haver diferenças quanto à cronologia dessa atividade econômica, tanto no âmbito das áreas indígenas, como nas áreas camponesas.

O Sr. R.P, não índio casado com uma índia, que reside na Aldeia Canudal, da Área Indígena Araribóia, município de Amarante e que será bastante citado neste relatório, disse o seguinte sobre o início da extração da folha de jaborandi naquela área:

"Eu conheci em 83... 83 você encontrava, já tinham tirado bastante jaborandi, mas ainda tinha muito jaborandi. Já foi em 83, eu vim aqui a primeira vez no Canudal e encontrei bastante jaborandi, foi no tempo que o velho Nonato abriu essa estrada daqui pro Barreiro, foi em 83"

Nesse depoimento, em que o entrevistado relata o seu contato inicial com essa atividade, coletam-se informações importantes, pois o velho Nonato de quem fala, é o conhecidíssimo fornecedor de jaborandi à Vegetex, atuante naquele município e localmente chamado de "Nonato da Folha". Esse senhor já atuava no ramo há muito tempo em Barra do Corda, onde também comercializava peles de animais silvestres.

Quando a produção do jaborandi nativo em Barra do Corda entrou em declínio o Sr. Nonato da Folha mudou-se para o município de Amarante, onde posteriormente passou a dominar a atividade, tornando-se ali o principal fornecedor da Vegetex¹⁰. Ali, esse fornecedor financiou a abertura de estradas de penetração para locais de incidência da planta, constituiu uma extensa rede de agenciadores de força de trabalho para a extração do

⁷ - Idem, p. 08

⁸ - idem, idem

⁹ - O Estado do Maranhão, 21.10.93, Caderno Política

¹⁰ - Sobre a Vegetex ver também a Revista Veja, ano 22, no 28, 05/07/89

jaborandi, contatou lideranças indígenas, estabeleceu o arrendamento das áreas indígenas junto a essas próprias lideranças ou a funcionários da FUNAI.

É importante ressaltar que a extração dessa planta nas áreas indígenas e camponesas do Maranhão era uma atividade econômica desconhecida, o que pode ser evidenciado nos seguintes trechos de depoimento do cacique da aldeia Canudal:

"Ai acho que de 70 prá cá, já vinha sabendo a informação dessa folha, né? Ai, desse tempo prá cá, veio esse cara, esse moço, atrás da folha, inclusive parece que andou em Barra do Corda, prá banda d'acólá, né?"

Perguntado sobre a data do início da exploração, o mesmo informante acrescentou informações sobre a entrada dos exploradores na Área Indígena:

V: "Foi por ai assim, ai quando ele trouxe essa folha de amostra, já tinha nessa área aqui, né, ai os índios já sabia dessa folha...Sabiam que tinha essa folha, só não sabiam que tinha o valor, essa folha, viu? ai informamos prá ele, 'aqui nessa área tem folha' ... ai ele disse: 'se tiver a gente tira... dão dinheiro, dão um valor...' ai ele voltou. quando ele veio tava com tudo, o rancho, bagulho, mandaram tirar a folha, né, inclusive ele levou até uma folha daqui. Ai comecemos a tirar essa folha e fomos vindo, até agora."

Segundo informações dos Guajajara, coletadores de folha, quando iniciou-se a exploração do jaborandi em Amarante, eles eram os únicos que extraíam a planta nos primeiros dois anos de chegada dos comerciantes. Depois disso, esses comerciantes e seus agenciadores de força de trabalho começaram a introduzir nas áreas indígenas coletadores não índios ¹¹.

No município de Arame os depoimentos apontam que a extração da folha de jaborandi nas áreas indígenas iniciou-se em 1971. Ao que tudo indica, em Barra do Corda, a extração do jaborandi teve início antes daquela que ocorreu em Grajaú, sendo que a área de incidência de jaborandi em Grajaú era a da chamada região do Arame que, a partir de 1987 passou à categoria de município, conforme depoimento de L.A., antigo comerciante que fornece jaborandi à Vegetex:

Pesquisador - O senhor conhece jaborandi desde quando?

LA. - Desde 1959...(...) de 59, quando ela começou aqui, foi em 59... eu comecei junto com a Merck, ela começou, quando ela começou a comprar eu entrei lá, há 25 anos me parece..."

Observe-se que o referido comerciante estava um pouco confuso quanto à década em questão, mas quando apontou o número de anos em que se encontra envolvido na atividade, percebeu-se que se tratava, possivelmente, dos anos 68,69. Observou-se, contudo, nos depoimentos coletados em Arame, que não há nenhuma referência à extração do jaborandi

¹¹ - Cada categoria desses agentes sociais implicados no processo de extração e na cadeia de comercialização do jaborandi será detalhada no capítulo III deste relatório.

que mencione uma data anterior a esta. Percebeu-se que os chamados fornecedores antigos de Barra do Corda eram conhecidos dos tiradores camponeses de Arame. Isso nos leva a inferir que esses comerciantes estenderam sua rede comercial até aquela região, podendo ter ali atuado ora pessoalmente, quando do início dos negócios, ora por meio de pequenos compradores de folha instalados na zona urbana ou ainda através de empregados seus que viajavam às localidades onde havia folha, comprando-a dos agenciadores de força de trabalho.

Embora se tenha notícia da exploração de jaborandi em Arame no início dos anos 80, os depoimentos coletados nesse município evidenciam que somente a partir de 1985 essa atividade se intensificou. A intensificação a partir de meados da década de 80 está, certamente, associada à expansão das áreas dos camponeses. Nessa época, eclodem fortes conflitos agrários nessa região, envolvendo de um lado segmentos camponeses em busca de terra e do outro grandes grupos empresariais detentores ou pretensos detentores de grandes extensões de terra, com dominialidade duvidosa.

Nessa época, esses segmentos camponeses, após fortes confrontos decorrentes da disputa pela posse da terra, conquistaram grandes glebas, como Pedra Preta, Citusa/Viamão, CIT, Cajueiro e outras. Com a abertura de novas áreas de roças os camponeses viram-se obrigados a dedicar-se a atividades acessórias, como forma de custear os serviços de preparo do solo para implantação das lavouras.

Nas áreas de mais fácil acesso como CIT e Cajueiro, o comércio de madeira se sobressaía, enquanto em áreas de difícil penetração a extração da folha era a atividade complementar mais viável e, de modo geral, ficava ao encargo das mulheres e crianças das famílias camponesas.

Durante os primeiros momentos da ocupação dessas áreas, enquanto os homens tratavam da implantação dos roçados, as mulheres e crianças ocupavam-se da extração do jaborandi. Com a venda oriunda dessa atividade, adquiriam os produtos necessários à manutenção da família.

Foi assim até quando a concorrência entre as empresas compradoras da folha se intensificou. A partir de 80 entraram outras empresas no mercado, concorrendo com a Vegetex, iniciando-se, desta forma, uma verdadeira corrida atrás do jaborandi. Dentre essas concorrentes estavam a FITOBRÁS, a maior delas, a PVP, a TUCURA, a MARC JACOB. Contudo, a concorrência acirrou-se mais entre a VEGETEX e a FITOBRÁS.

A concorrência acirrada entre as duas empresas alterou de forma radical a exploração da folha nas áreas indígenas e camponesas. Os agenciadores, chamados cantineiros, passaram a desempenhar um importante papel na rede de comercialização do produto. Além de fornecedor de mercadorias para os coletadores e de adquirente do jaborandi, ele passou, também, a assumir o papel de mobilizador da força de trabalho camponesa e indígena, ou seja, em algumas áreas o cantineiro exercia a função do chamado gato, agente social conhecido também em outras áreas da Amazônia.

Além disso, cabe mencionar que a extração da folha até então uma tarefa executada principalmente por mulheres e crianças, passou a ser exercida de forma intensiva e predatória pelos homens. Isto se explica pela elevação do preço do produto, pelas vantagens oferecidas pelas empresas concorrentes aos seus fornecedores e destes aos chamados cantineiros e, ainda, pelo deslocamento da força de trabalho masculina da agricultura, à proporção que o dinheiro ganho durante um dia de trabalho na extração do jaborandi passou a ser compensatório com relação à diária paga pelo trabalho na agricultura.

As empresas passaram a fortalecer suas redes de comercialização. Faziam adiantamentos em dinheiro para os seus fornecedores e estes procediam de forma semelhante com relação aos agenciadores da força de trabalho, os cantineiros, com os quais tinham ligação.

Os fornecedores ofereciam vantagens adicionais aos cantineiros, como transporte das mercadorias adquiridas nos centros urbanos, até os chamados barracões e/ou cantinas, estabelecidas nas áreas de coleta da folha. Ofertavam, ainda, lonas plásticas para secagem das folhas, entre outras formas de cooptação dos agenciadores da força de trabalho.

Observou-se que, até um certo ponto, a produção cresceu com a concorrência, tendo atingido o clímax no final dos anos 80, como se pode verificar no depoimento de V. coletador e, depois, cantineiro de Pedra Preta:

Pesquisador - Quais foram os anos de maior força do jaborandi, de preço e quantidade?

V - Oitenta e sete, oitenta e oito foram anos que produziu demais, mas a gora o preço nunca apareceu, não... porque nunca ninguém melhorou com ela. Saiu muita produção. Eu vi caminhão sair carregado... marrado, dos depósitos que comprava dos trabalhador, né?

É importante observar que apesar de ser um cantineiro, o informante deixa explícita sua insatisfação com o preço pago pelos fornecedores, deixando claro que apesar da movimentação comercial de um grande volume de folha pouco ficava retido nos seus bolsos em forma de remuneração do trabalho.

A dona A., do mesmo povoado Pedra Preta e esposa de V., comenta a respeito da quantidade produzida nessa localidade nos idos de 80:

A: Em 87 produziu o possível, 88 produziu quase o mesmo tanto e se diminuiu foi dez por cento da produção de 87... a produção de 88,89 já caiu mais ou menos cinquenta por cento e em 90... tava quase...devido ao fogo, né? o povo até fizeram um encerramento das compras, os comprador...

Embora não existam registros contábeis de parte de cantineiros e fornecedores dos quais se possa extrair dados estatísticos a respeito da coleta do jaborandi, os depoimentos indicam o ascenso e o descenso da extração desse recurso vegetal, como indica o depoimento do mesmo V. citado linhas atrás.

A maior produção que eu já tive mesmo foi em 87... de oitenta e nove prá cá caiu. O preço ficou desvalorizado mesmo, o preço... e o povo largou... suspendeu também um bocado das mata..

Observe-se que, enquanto havia jaborandi em abundância no interior da mata também era relevante o valor auferido pelos coletadores, conforme depoimento de dona A., citada anteriormente.

Era de 86 prá 87.. olha que acredite que essa Idalina, ela tirava até 40 quilos de folha... tinha vez que ela não botava em casa não... ela tinha que deixar um bocado no mato..

Faz-se necessário ressaltar que o declínio da produção da folha do jaborandi nativo no Maranhão é marcado por vários acontecimentos relevantes. O primeiro foi o descobrimento de grande quantidade da planta nas matas do Xingu Paraense, mais precisamente no município de São Félix do Xingu. Com isso, houve a atenção das empresas se voltou para essas áreas, havendo, inclusive, um deslocamento de trabalhadores maranhenses para aquela região, induzidos pela ação de agenciadores. O segundo, diz respeito ao início da produção comercial da MERCK/VEGETEX no Maranhão, na Fazenda Chapada, localizada no município de Barra do Corda, com cerca de 2.600 ha onde, no início desta década, iniciou-se a produção intensiva do jaborandi e da fava d'anta. O terceiro foi a compra da FITOBRÁS pela MERCK/VEGETEX.

Observe-se que essas empresas desenvolviam atividades idênticas, comprando e industrializando o jaborandi com vistas à mesma finalidade, ou seja, a produção da pilocarpina. As outras empresas, de porte bem menor, compravam jaborandi em pequenas quantidades, sendo a maior parte destinada à fabricação de cosméticos por indústrias brasileiras.

III - A REDE DE COMERCIALIZAÇÃO - os vários atores sociais envolvidos da coleta à exportação do jaborandi

Antes de nos referirmos, especificamente, à questão das várias modalidades de relações estabelecidas entre os diferentes atores sociais, da extração à comercialização do jaborandi, faremos alusão a alguns aspectos que nos parecem importantes para o entendimento de todo o percurso dessa matéria prima vegetal, da floresta à Vegetex.

A. A identificação da folha do jaborandi

("Toda folha se parece com ela e ela não parece com nenhuma folha")

Até o início da compra da folha de jaborandi pela Fitobrás, Vegetex e outras empresas interessadas por este recurso vegetal, tanto indígenas como camponeses entrevistados relatam não ter tido antes nenhum contato com a planta. Não a distinguiam de outras folhas e nem conheciam suas propriedades. Um dos chamados tirador de folha, residente na Vila Fortaleza, município de João Lisboa, coletador de jaborandi na Área Indígena Araribóia, aldeia Canudal assim relata seu primeiro contato com a planta:

"Bem, eu já morei em vários lugares que não tinha jaborandi. Eu vim ver pé de jaborandi prá cá. Eu vim conhecer aqui. Eu cheguei e ouvi falar: 'vamos ver pé de jaborandi'. Ai, a gente entrou no mato e eu digo 'rapaz, eu vou reparar', ver se eu conheço. Eu fui mais esse que conhecia, aí ele amostrou o pé (...) a folha é desse jeito, imita a folha de um limão, agora ela é menor".

O índio O. da aldeia Lagoa Comprida, da AI. Araribóia também se manifestou no mesmo sentido:

Pesquisadora: Mas há muito tempo atrás, vocês não usavam o jaborandi prá nada?

O - Não

Pesquisadora: E quem foi que primeiro descobriu isso?

O: *Foi aquele mesmo que veio (um dos compradores de folha), né, trouxe a folhinha de lado, uma amostra, no tempo que tinha muito dessa folha*

Pesquisadora: mas aí vocês chamavam como? Já chamavam jaborandi?

O: *Jaborandi, ele, o cara, trouxe o nome de jaborandi (...) já trouxe o nome de lá.*

Pesquisadora: Ele trouxe o nome? e como vocês chamavam?

O: *Agora nós, índio mesmo, nós chama ka'a. Ka'a a é folha, porque falou em folha é ka'a, como bem, folha, falou em folha, é qualquer tipo de folha, esse menorzinho, ka'a a é folha.*

Outro índio, o chamado cacique velho da aldeia Canudal, também discorre sobre o desconhecimento e não utilização anterior da planta :

Pesquisadora: *Quer dizer que nesse tempo, antes de vocês saberem o valor do jaborandi, não servia prá nada?*

R.G: *Não servia prá nada (...) antes de vocês a gente nem conhecia (...) a gente não conhecia, olhava pros pé mas não conhecia .*

Os Tenetehara ou Guajajara, segundo os índios entrevistados, chamavam-na simplesmente Ka'a, ou seja, folha, desconhecendo a denominação jaborandi, até que chegaram os primeiros compradores, por volta dos anos 70.

Depois disso, tanto uns como outros tornaram-se especialistas no reconhecimento da planta. Falam de suas características, de como se distingue de outras plantas, de como pode ser confundida com as demais folhas e de como encontrá-la na mata. Atualmente, insistem no fato de que muitas folhas se parecem com o jaborandi e que isto, por vezes, confunde o coletador, mas que, reparando bem, segundo os coletadores, nota-se que esta planta é diferente de todas as outras. Uma das plantas com as quais o jaborandi se confunde é a chamada três folhas, conforme relata duas camponesas coletadoras da planta, residentes em Pedra Preta, município de Arame.

A : *Aí os homens ficavam assim mais afastados... têm uns que as vezes não conhecia a folha, né? Tem umas três folhas que tem no mato, tudo parece demais, num sabe? se a gente não cheirar a gente pensa que é a folha mesmo. Só que a folha do jaborandi é maior.*

Pesquisador: *E qual o nome dessa folha?*

A: *É três folhas. O nome é três folha mesmo. E tem três folhinhas mesmo. Que ele é novo assim, o pé, a gente pensa que é jaborandi mesmo (...) aí, muita mulher que não conhece, quando a gente dá fê, tá com o saco cheinho de três folha (risos).*

H: *Eu subi bem aqui aí eu vi três folha mesmo. Eu cortei foi o pé e rastei dacolá prá baixo e botei ali. Quando João Cearense chegou, mangou: 'D. H. isso aqui é jaborandi?' Digo: 'é'... Ele disse : 'isso aqui não é jaborandi, não, é três folhas'. Digo: 'menino, e a semente é do mesmo jeito...'*

R. um ex- funcionário da Fitobrás, empresa que foi adquirida pela Vegetex (Merck) compara o jaborandi ao ouro e, como outros, enfatiza a semelhança e a diferença da folha em relação às demais:

"(...) quando ela tá desidratando, vai secando a água e fica só a folha mesmo. E a folha, o jaborandi, é igual ao ouro. Toda coisa amarela parece com ouro, mas se você pegar uma pepita de ouro e jogar no meio de outras coisinhas amarela, qualquer pessoa chega e tira ela. Ela é diferente, assim é a folha do jaborandi, a folha do jaborandi toda folha se parece com ela, agora, ela não se parece com nenhuma. Quando você vê ela, ela é diferente.

("Jaborandi é encanto")

Segundo os depoimentos, quem localiza o jaborandi entre os camponeses, geralmente são os caçadores, acostumados a perambular pela mata. No caso dos índios, que têm maior intimidade com todo o seu território, não foi apontado nenhum especialista em localizar a planta. Eles se referem, porém, nos depoimentos, que, atualmente, a procura da madeira (pesquisar madeira, como se expressam) os leva a encontrar novas áreas de ocorrência do jaborandi. Tanto uns como outros, no entanto, em vários depoimentos, referem-se ao jaborandi como sendo uma planta encantada, que pode passar despercebida, como se se escondesse dos coletadores:

Seu R.P. um não índio casado com uma Guajajara e que reside na aldeia Canudal desde o início da exploração do jaborandi naquela área, assim se manifesta a este respeito:

Pesquisadora - O senhor tava falando assim, será que aqui tem área onde tem o jaborandi e vocês ainda não descobriram?

P: É como eu falei ontem prá você, o jaborandi é encanto, não é mesmo? o jaborandi se encanta, (...) se você vai aqui muitas vezes com um saco de jaborandi, você vai e passa numa bola de jaborandi que dá mais ou menos duas linhas ou três linhas, muitas vezes você chega e não encontra mais aquele jaborandi. Aquilo é dinheiro, se encanta. Igualmente ouro o jaborandi, o jaborandi se encanta...

Coletadores camponeses de Pedra Preta argumentam no mesmo sentido e, tendo passado pela experiência do garimpo, também comparam o jaborandi ao ouro:

I: Mas a folha, compadre, é assim, eu acho que ela é assim um encanto

A: É, ela é um encanto mesmo...

I: (...) a gente acha pé que tá cinzento nesse broque que eu tenho brocado (...) pé velho. Ela parece que é assim encantada. Eu estou acostumado, andei semana passada ali...

A: Tinha muita folha?

I: É uns pezão de folha, antigo, mais ou menos um quilo, quilo e meio por aí assim. Quer dizer que aquilo é encantado (...) que o cabra olhava e não via ele, quer dizer que a

folha é igualmente um ouro mesmo. Quando é muita folha ela dá em filão. Depois que a gente acerta naqueles filão aí vai muito dentro.

C: Hoje vi no meio do sapequeiro uns pé de folha maior beleza da vida! onde todo mundo passa a gente vê árvore cortada, pé velho! peão passa e não via ele. Ele vivia encantado lá, não se via não.

I - Eu fui brocar ali na entrada da minha roça. Eu era acostumado lá. Resolvi tirar umas carga de feijão e trazer. Quando dou fé, tá lá [o jaborandi]!

B. O calendário da extração

A partir de 1992, segundo os depoimentos, a Vegetex impôs um período de coleta que se inicia em junho e vai até 30 de dezembro, ou seja, no denominado verão, época da seca, conforme explica G. fornecedor da Vegetex, residente em Barra do Corda:

"(...) mês de agosto, setembro, outubro, temos uma produção muito grande. Mês de junho, julho, foi mais devagar. Agosto, setembro e outubro a produção cresceu. A partir de novembro, né, do início de novembro foi diminuindo a produção. Quando chega de 20 de dezembro, nós fornecedores já estamos recebendo e recolhendo toda a folha e fazendo acerto com o pessoal do interior, gatos e o pessoal, que até o dia 30 temos que remeter toda a folha que a firma [Vegetex] encerra balanço"

O período de coleta já vem estabelecido no contrato que a empresa estabelece com o chamado fornecedor, conforme será explicado adiante.

Apesar de apontarem a época da seca como melhor para a armazenagem e secagem da folha, alguns coletadores referem-se à coleta no verão como uma das causas da extinção da planta, que não consegue se regenerar justamente por falta de chuva. Segundo estes, no inverno, mesmo que tenha suas folhas tiradas, a planta se recupera rapidamente. Evidentemente, para a empresa a coleta no verão é mais lucrativa, pois o processo de secagem é mais rápido. Além disso, o peso da folha molhada é maior que o da folha seca e, é claro, isto também envolve a quantidade de folha e o valor por quilograma.

C.C, coletador de Pedra Preta, assim se manifesta sobre este assunto:

C.C : (...) que o mês melhor prá nós tirar aqui é no inverno... gente tira o jaborandi, quando é na outra semana já tá broiando [brotando]...

A -:Ai eles tranca...

C.C: Quando é no inverno eles tranca.

A: Quando é no inverno tem muita folha mas não tem comprador

CC: No verão você raspa um pé de folha, quando vai lá ele tá sequinho. No inverno não. Você raspa ele ali, quando vai lá, com uma semana depois ele já tá broiando.

Outros trabalhadores, como um não índio que residia na aldeia Lagoa Comprida por ocasião da pesquisa, citado a seguir, referem-se à orientação dada pela empresa aos fornecedores para que não procedam à coleta no inverno:

Z: Eles falam que morre muito é se tirar no inverno. A chuva molha e vai apodrecendo o galho, tudinho apodrece. No verão não, ela seca a pontinha e sai brotinho de novo

C. Efeitos da planta para a saúde dos coletadores

Vários informantes afirmam que a folha do jaborandi exala um odor forte, tanto na coleta como após, durante a secagem e que isto causa, em algumas pessoas, mal estar, dores de cabeça e tonturas. Informam também que pequenos animais, como porcos, que se deitam sobre as folhas, quando elas estão secando, adoecem e, por vezes, morrem.

Conforme os depoimentos, durante o processo de secagem, as folhas exalam grande calor, de modo que podem, inclusive, queimar os pés e as mãos daqueles que estão a lidar com ela. Deste modo, há pessoas que não suportam trabalhar na extração ou na secagem

Pesquisador: Que tipo de doenças o manuseio com a folha causa?

Dona A: Mais é a cabeça. Mais é problema da cabeça, a tontura... Ela é muito forte. Quando tá mexendo com ela [a folha] (...) tem tirador, tem deles que não tira muito. Tem nego que vai rapar, mas quando chega no mato que rapa um, dois, aí dá uma tontura nele, aí pronto. Aquele já não vai mais, porque não adianta.

Um dos fornecedores entrevistados em Barra do Corda, também confirma esse problema sentido por vários coletadores:

Pesquisador - me diz uma coisa, esse jaborandi tem um negócio que dá dor de cabeça nas pessoas...

O: Tem deles que não resiste, tem deles que não resiste. Ele é forte, tem deles que vomita aí, adoce mesmo não agüente. Ele é forte, o cheiro dele é forte (...) porque o cara que trabalha com o jaborandi tem que tomar bastante leite.

Pesquisador: Vocês [os cantineiros] levam bastante leite?

O: Leva

Apesar do depoimento deste fornecedor, nenhum coletador relatou a presença do leite na sua dieta, ressaltando apenas a preferência pela rapadura. No caso dos Guajajara, referem-se também ao mel, conforme o depoimentos de V. da aldeia Tiririca, do PI Angico Torto, Área Indígena Araribóia:

Pesquisador: Causa doença assim?

V: Sempre faz é calo nas mão da gente, nos pé da gente

Pesquisador: qual o perigo? tem algum perigo quando vai tirar o jaborandi?

V: O dia todinho aqui. Aí fica pálido, amarelo, fica fraco...dá tontura direto

Pesquisador: e vocês também comem rapadura prá poder agüentar?

V: *As veis tira mel também. Nos primeiros dia que eu fui dói a cabeça. Mas agora acostumou, pronto, não me dói mais a cabeça.*

Apesar da dificuldade do entrevistado de se expressar em português, percebe-se que há problemas de saúde causadas pela coleta da folha, certamente agravados pela situação de desnutrição tanto de indígenas como de camponeses da região.

A alimentação dos coletadores, constituída basicamente de amido e açúcar, certamente agrava os efeitos da planta sobre a saúde desses trabalhadores.

J

D. As técnicas de extração do jaborandi por indígenas e camponeses

Tanto índios como camponeses denominam o ato de tirar as folhas do jaborandi de *rapar* [raspar]. Para coletar o jaborandi o único aprendizado necessário, segundo os entrevistados, é saber reconhecer a planta. No mais, é só tirar as folhas, o que fazem com as mãos. Alguns deles utilizam uma faquinha para cortar brotos e pés pequenos.

Como mostram algumas fotos e, até mesmo, alguns depoimentos já citados acima, muitos coletadores não se limitam a extrair as folhas, cortando todo o pé da planta, o que implica em sua extinção, conforme analisaremos em outro tópico.

Branco e índios apontam estes últimos como coletadores mais cuidadosos e que não destroem o jaborandi, conforme ressalta o não índio, Z., citado linhas atrás e também O. índio da aldeia Lagoa Comprida.

Pesquisadora: Disseram prá mim que o índio ele tira de uma forma mais certa, sem quebrar os galhos, né?

Z: *O índio ele já sabe a manha de tirar (...) os brancos se apressam demais, prá querer tirar muito, aí tira os galho grande. Os índios não, tiram devagar, não quebra*

O: *Só a pontinha mesmo. Sabendo tirar não quebra não. Você agarra bem nas ponta assim, aí verga o galho prá baixo, aí não quebra os galho, nem a folha não larga do caule, né, tem caule no meio, mais se panhar, aí ranca tudo, até a folha fica quebrada..*

Pesquisadora: E os brancos não têm essa preocupação?

Z: *Não. Aqueles pé pequeno, eles faz é cortar, quebrar, ou então arranca.*

Outro índio, V., cacique da Aldeia Canudal, refere-se à mesma questão:

Pesquisadora: Falaram prá gente que vocês tiram a folha mais direitinho, sem muito galho

V: *(...) ele [o branco] tira com mais galho, prá ver se aumentava mais o peso da folha, aí tira com galho, quebra nomeio, às vezes sempre anda com uma faca de cortar, corta aquela galha todinha, botam dentro do saco prá pesar mais, né. Aí o gato, que é comprador lá, vai derramar no monte lá, vai descontar porque tem mais galho do que folha...(..) porque se o cara tirando quebrando, aí ele passa uns dois mês prá brotar de novo, né... agora, rapando, com um mês você pode ir que tá do mesmo jeitinho...*

G., comprador de jaborandi dos índios se manifesta sobre o mesmo tema:

G: *O índio é sempre muito preguiçoso mesmo... mas quando dá deles trabalhador, eles são bom. Porque anda bem na mata, sempre o índio vai tirar folha. O cristão não tira do tanto do índio. (...) porque ele anda bem na mata, não corta nada, conhece tudo. Agora,*

quando índio vai, três índios, quatro índios trabalhar, numa casa, de cachorro, gato, tudo ele leva pro barraco.

E. Relações entre coletadores e intermediários

A coleta e comercialização do jaborandi, tal como ocorre hoje no MA, envolve vários fatores: em primeiro lugar, evidentemente, a existência da planta; depois, o acesso a esse recurso vegetal, a força de trabalho para a coleta e o capital para manter os trabalhadores durante a extração. Esse capital, detido atualmente pelos fornecedores e repassado aos chamados gatos ou cantineiros é utilizado para estabelecer um sistema de endividamento, de modo que o trabalhador seja imobilizado durante a coleta.

Do local de origem à Parnaíba, Piauí, onde a Merck mantém uma indústria de transformação, a folha do jaborandi passa, portanto, por várias mãos, a partir de relações estabelecidas entre diferentes categorias de atores sociais. Nesta parte do relatório nos deteremos a descrever essas várias relações que interligam diferentes atores sociais, da coleta à indústria.

1. O acesso ao jaborandi

O acesso ao recurso vegetal em questão varia conforme a terra esteja sob domínio particular, sob a posse dos camponeses ou em território indígena.

As áreas onde se registra a ocorrência de jaborandi podem ser constituídas de terras indígenas e, neste caso, se estaria, na realidade, tratando de território de diferentes etnias, como é o caso dos índios Tenetehara ou Guajajara, do grupo linguístico Tupi. Neste caso, o arrendamento dessas áreas para fins de coleta da folha assume contornos específicos e será tratado em capítulo à parte.

O jaborandi pode ser encontrado, também, nas chamadas terras devolutas de ocupação recente, terras do Estado ocupadas por famílias camponesas que, segundo a legislação brasileira, após um ano e um dia de cultivo e morada habitual adquirem o direito de ali permanecer, ou seja, o direito de posse. Nessas áreas que foram ocupadas por posseiros, pois se encontravam ociosas ou eram de propriedade duvidosa, mesmo antes que o Estado proceda a qualquer demarcação, as famílias estabelecem regras para usufruir dos recursos naturais ali existentes. Tais regras obedecem a princípios jurídicos próprios de um código consensualmente acatado pelo grupo.

A planta é encontrada, ainda, em regiões de ocupação antiga, em áreas de propriedade particular, tanto de latifundiários como de pequenos agricultores que têm o domínio ou o estão pleiteando junto ao Estado via programas de regularização fundiária.

No caso das grandes fazendas, de propriedade de grupos empresariais ou pessoas físicas, as terras do Estado foram adquiridas ou apropriadas fraudulentamente para instalação de empresas rurais. Na realidade, dessas terras só foi extraída a madeira de lei existente e, posteriormente, plantado o capim. Essas chamadas fazendas são um misto de exploração extensiva de gado *vacum* e reserva de valor para outros fins que não a exploração agrícola ou pecuária.

Com a abertura de estradas e a conseqüente penetração dos compradores de jaborandi algumas lideranças dos próprios povoados, como é o caso de Pedra Preta, transformaram-se nos chamados cantineiros ou gatos, passando a integrar a cadeia de comercialização da folha.

No caso de a folha encontrar-se em terras de domínio particular, o gato ou cantineiro vai estabelecer um contrato oral com o proprietário, pagando-lhe uma quantia fixa em dinheiro ou conforme a produção. Dona A. residente em Pedra Preta, relata uma situação de extração de jaborandi em área de fazendas pretendidas por particulares:

Pesquisador - Quanto vocês chegaram aqui na área já tinha esse fazendeiro?

A: *Já, esse dito fazendeiro aqui esse que trabalhava aqui dentro (...) ele tinha os vigia, né? e os vigia, eles eram muitos. Os vigia eles vivia, eles escapavam não era nem com o salário do fazendeiro, era com a tiração de folha. eles tiravam a folha e ainda arrendavam... e aí quando acabava, eles vendiam aquela folha e aí a metade do tirador de folha e a metade da fazenda... e aí só dava pro fazendeiro,. porque já era baratinho, não é? aí o pobre do vigia tinha que dar conta de trabalhar na fazenda e de tirar aquelas folhinhas prá sobreviver com a família.*

É importante atentar, neste depoimento, a existência desses vigias que, em algumas áreas, conforme o confronto estabelecido com os camponeses, passam a atuar como milícias privadas à serviço dos pretensos proprietários e à margem da lei. Por outro lado, o depoimento revela, também, a proximidade que esses vigias guardam, socialmente, dos camponeses. Muitos dos pistoleiros que acabam perseguindo os camponeses a serviço desses grandes pretensos proprietários, provavelmente, têm aí a origem de sua condição de assassino de aluguel. Muitas vezes são pessoas com as quais os camponeses convivem cotidianamente. Na coleta em áreas indígenas, esse arrendamento assume características específicas que serão trabalhadas em capítulo próprio.

2. Relações entre a Vegetex e os chamados fornecedores

Entre a Vegetex e os coletadores existe uma camada de intermediários constituída pelos chamados fornecedores, ou seja, aqueles que fornecem folhas à empresa. Com estes, a empresa firma uma espécie de contrato e, a partir daí, esses estabelecerão relações com outros intermediários, denominados gatos, cantineiros ou compradores conforme se explicará ainda neste tópico.

O chamado fornecedor é, aquele que detém o capital de giro e que financia a manutenção dos coletadores durante determinado período. Atualmente, a empresa não adianta mais nenhum recurso financeiro, nem fornece as lonas e tampouco o transporte. G. fornecedor de Barra do Corda, explica em que bases se dá, atualmente, o contrato entre esses intermediários e a empresa:

Pesquisador: Vocês fornecedores têm uma cota de entrega anual?

G: *Nós temos um contrato de intenção, digo contrato de intenção porque ela não dá mais dinheiro, né? mas quando eles vêm em maio para ver como é que tá e perguntar como é que nós vemos a área, nessa altura nós já tem corrido a área, né? já tamos arrendando fazenda e vendo os nossos corretores como é que tá a produção lá, se durante o inverno, seis meses, ela [a folha] reproduziu bem... então, eles querem que a gente faça uma estimativa. E nós fornecedores temos que dar uma estimativa: 'nós temos condições de produzir tantas toneladas esse ano'. e aí a gente assina assim um contrato de intenção, né, não é um contrato, é um contrato de intenção de tantas toneladas. Tanto faz cobrir como não, porque, nessa altura, não entrou dinheiro, né? não é obrigado cobrir não, é um contrato só, só prá eles ter uma base.*

Conforme pode-se perceber pelo trecho de depoimento citado acima, o que foi confirmado pelos demais entrevistados, a empresa não mantém nenhum vínculo empregatício com esses intermediários e, atualmente, não realiza nenhum tipo de adiantamento, ou seja, não investe nada para obter a matéria prima de que necessita. Além disso, não estabelece com a força de trabalho, nenhuma relação direta, repassando os riscos e as obrigações sociais aos intermediários, que as repassam a outros intermediários, numa cadeia que termina no coletador e lhe reserva os riscos e as perdas.

Com esses fornecedores, a empresa procura ter as mais cordiais relações. Para tanto, recorre a um outro agente, denominado pelos trabalhadores de viajante. Este, um agente da empresa, possivelmente seu funcionário, o que não pode ser confirmado, é quem entra em contato com os fornecedores, orientando-os como proceder, conforme explica G:, citado anteriormente.

Os fornecedores, por sua vez, podem manter um outro intermediário entre eles e os coletadores, chamado de corredor ou corretor que tanto pode ser um dos denominados gatos ou cantineiros ou outro empregado, dependendo do grau de capitalização que os primeiros tiverem alcançado. Em alguns casos, não existe a figura desse outro intermediário e os próprios fornecedores se encarregam dessa tarefa. G., fornecedor já citado, assim se refere a este assunto:

G: *Eu sou o fornecedor, fichado como nós chamamos, né, tenho contrato com a MERCK, VEGETEX.*

Pesquisador: Mas você tem outras pessoas prá tirar prá você?

G: *Tenho o corredor*

Pesquisador: Corredor?

G: *Que corre mata ,né, que corre a área, né mais eu dou assistência toda semana, recolhendo e dizendo como é que eu quero que tá ruim de qualidade, como é que deve tirar e como é que deve tratar, porque também nós recebemos instruções da MERCK, né, da VEGETEX, (...) nós recebemos folhetos, etc...*

Ressalte-se que esses materiais explicativos como folhetos (vide anexos) só atingem o fornecedor, terceirizando-se, portanto, também essa "orientação". Caso essa "orientação" tivesse atingido diretamente os coletadores, talvez se tivesse podido evitar a degradação desse recurso vegetal tal como ocorreu em diferentes áreas. Retornaremos, porém, a essas questões em outro tópico deste relatório.

Conforme se pode apurar nas entrevistas, esses fornecedores são registrados no IBAMA, de quem recebem uma autorização para explorar o jaborandi. Segundo essa autorização, eles deveriam proceder ao plantio da chamada folha. Evidentemente, isto não ocorre e, igualmente, esses intermediários, classificados por aquele órgão como "produtores de jaborandi" nada produzem, realizando apenas o comércio da planta.

Outro dos fornecedores entrevistado, residente em Barra do Corda, assim se manifesta a este respeito:

Ge: Nós temos firma de produção cada um... aqui somos três, quatro fornecedores, eu, G., N., LA. e o A. Nós temos nossa firma de produção, com documentos, nota fiscal e autorização do IBAMA prá exploração, tudo tem que ter autorização do IBAMA...

Alguns fornecedores foram, antes, gatos, como é o caso de Ge., citado linhas atrás e que relata como subiu na hierarquia da rede de comercialização:

Pesquisador: Ah, o senhor foi gato?

Ge: Ai nessa época eu fui gato, fui o gato mais produtivo aqui desta região (...) tinha dia de eu pesar 1.200 kg de folha numa noite, trabalhando... Ai eu me destaquei bem como gato (...) ai o viajante muito meu amigo (...) disse: 'rapaz, caça teu jeito de tu comprar folha, fazer 1.000 kg de folha com teu dinheiro, que eu te joga dentro da empresa (...) bote os homens na mata. Pode arrumar os homens e botar na mata que você vai trabalhar prá empresa. Ai logo arrumei uns homens, botei na ele foi e disse : 'olha, eu vou pedir tantos prá ti , por ordem de pagamento, amanhã pode ir buscar o dinheiro tá lá esperando em Açailândia.

Parte desses fornecedores, em alguns momentos, chegaram a ter dois, três, quatro ou mais gatos e a entregar à Vegetex grandes quantidades de folha. Segundo os depoimentos de alguns deles, chegaram a comprar e a repassar à empresa mais de duzentos toneladas de folha em um só ano.

3. Relações entre fornecedores e gatos, cantineiros ou compradores

Os agenciadores da força de trabalho, denominados gato, cantineiro e/ou comprador são assim definidos por G. um dos fornecedores entrevistados e já citado neste relatório:

G: O gato é um intermediário que fica entre o peão. Eles chamam lá o tirador de peão. Eu não sei bem o significado desta palavra, mas gato é aquele que fica lá no mato dentro do barracão com os tiradores. O fornecedor geralmente ele dá o dinheiro. Eu dou o dinheiro. Ele, aqui na cidade ele faz a compra e nós vamos levar lá, nós vamos levar lá dentro. Tanto a alimentação quanto os trabalhadores a gente leva e traz. É uma obrigação do fornecedor, levar e trazer o rancho, como eles chamam, né, e trazer os trabalhadores.

A denominação comprador, surgiu nas entrevistas com os Guajajara que utilizam esse termo para designar aquele que, nas outras áreas, é chamado de gato ou cantineiro, o que pretendemos esclarecer no capítulo relativo à exploração do jaborandi nas áreas indígenas. Foi utilizado, também, por cantineiros para se referirem aos fornecedores da Vegetex.

Aos agenciadores da força de trabalho cabe, ainda, o processo de secagem das folhas, para entregá-las ao fornecedor.

O chamado gado recebe a folha verde dos coletadores e repassa-a seca ao denominado fornecedor. Nessa transação, ele obtém algum lucro, mas seu ganho advém, sobretudo, da troca das mercadorias por produto, conforme ficará claro no tópico a seguir apresentado.

Até por volta de 89, a Vegetex adiantava dinheiro aos fornecedores, para que eles comprassem as mercadorias - arroz, açúcar, rapadura, sardinha, farinha e outros - e as repassassem aos chamados gatos ou cantineiros. Essas mercadorias, conforme ficará claro ainda nesta parte do relatório, são repassadas aos coletadores, no sistema de barracão. Neste, os trabalhadores que permanecem acampados no interior da floresta, retiram as mercadorias, comprometendo-se a pagá-las em folha de jaborandi, caracterizando-se, portanto, em um tipo de imobilização da força de trabalho pela dívida.

Esse adiantamento em dinheiro, quando existia, representava 50% sobre o total do valor de folhas contratado, tomando-se por base o preço mais baixo, dentro de um sistema de classificação estabelecido pela empresa, sobre o qual falaremos mais adiante.

Além de certa quantia em dinheiro, a empresa responsabilizava-se, também, em fornecer a lona para secagem das folhas, os sacos para embalagem e o transporte para escoamento da produção e carregamento das mercadorias.

Tal tratamento dispensado aos fornecedores, segundo os entrevistados, era reflexo da concorrência da Fitobrás e de outras empresas que também compravam jaborandi. Cessada a presença de concorrentes, com a compra daquela empresa pela Vegetex, esta passa a encontrar-se numa situação mais cômoda diante dos intermediários.

Sobre o lucro do gato no repasse das folhas ao fornecedor, um dos entrevistados assim se manifesta:

O: Ele pegava ela lá na mata, ele pegava lá no mato. (...) eu só tinha o trabalho de cobrir e aonde não ia o carro eu puxava de burro, o burro era dele mesmo. Então por cima daquele ali, ele me dava uma comissão do meu lucro, como bem se eu naquela época eu comprava ela lá de Cr\$ 30,00 ai ele me comprava a Cr\$ 50,00. Então eu tinha uma comissão de Cr\$20,00, né, prá ele pegar lá no mato.

No caso em questão, o entrevistado cujo trecho de depoimento transcrevemos acima, trabalhava arrendando a área dos índios para coletar a folha. Do lucro referido, na realidade, ainda seria descontado o valor do arrendamento

Esses gatos ou cantineiros reclamam do enriquecimento dos compradores da folha (os fornecedores da Vegetex) enquanto eles, segundo seu depoimento, não conseguiram ter lucro, conforme se expressa um deles ao ser interpelado a respeito:

Pesquisador: Os compradores da rua não enriqueceram não? Também ficaram pobres?

V: Não, lá enriqueceram. Enriqueceram. Eu nem uma balança ganhei do jaborandi. Por isso é que eu digo, eu não ganhei nada. O que ganhei não dava nem pros tirador. (...) é, enricaram muitos, até motorista ficou rico, o motorista dele.

O papel desses intermediários entre o cantineiro e a empresa é bem percebido pelos trabalhadores, que percebem estar sendo lesados no preço do jaborandi, como explica dona A:

Dona A: Porque toda a vida esses donos de armazém eles nunca eles compram eles mesmos do cantineiro .Eles tem de botar um intermediário no meio, sabe? aquele intermediário que compra do cantineiro, ai o intermediário vende pro dono da firma. Ai sempre tem aqueles travessão que quando chega na mão do cantineiro, já vem sem valor. Já não vale mais nada. O intermediário tem; um preço ,lá em cima tem outro preço. Quando chega aqui ai o precinho té bem pouquinho.

A trabalhadora está se referindo à classificação da folha do jaborandi, imposta pela Vegetex e que faz com que os coletadores recebam pelo menor preço e os cantineiros igualmente, enquanto que, aos fornecedores, por vezes a empresa faz ajustes no preço inicialmente combinado. Tentaremos demonstrar isto no tópico que se segue

4. A classificação da folha do jaborandi conforme o teor de pilocarpina

A Vegetex classifica as folhas de jaborandi que compra dos fornecedores em tipos A, B, C, D e E, conforme o teor de pilocarpina que seus laboratórios, em Parnaíba, detectam. O preço, segundo essa classificação, varia, sendo que o tipo A é o mais valorizado ,enquanto que o E, o menos. Os coletadores são sempre pagos como se as folhas coletadas fossem classificadas como tipo E, de modo que perdem no preço, além de perderem na aquisição das

mercadorias oferecidas no chamado barracão, conforme explicar-se-á em tópico adiante. a análise das folhas é realizada por amostragem, quando da entrega à empresa, conforme explica um dos fornecedores:

A folha (...) mas as vezes ali tinha uns 200 Kg de folha boa e tem uns 800 de folha que eu desconfio dela, que ela não vai botar [alcançar o melhor teor na análise] Tem ali também a minha sorte (...) ha hora dele cortar o saco, num sabe? A gente vê ele cortar, bota aquele garfo, num sabe? se pegar só folha boa... quer dizer que a folha boa não sabe a situação da ruim porque aquela que ele tira ele faz análise do volume todo, num sabe? (...) no caso, se eu pegar 800 Kg de folha boa e tiver 300 Kg de folha ruim, quer dizer que aquela ruim derrubou a boa.

Deste modo, tanto a empresa incentiva os fornecedores a cuidarem tratamento da folha, da coleta à secagem, quanto estes procuram também incentivar os chamados gatos, acenando-lhes com um preço melhor, conforme explica o mesmo entrevistado:

G: Só quem sabe da classificação somos nós fornecedores, num sabe? Aquilo até a gente diz pro gato: 'olha, nós tamos te fazendo um preço do tipo D'... pro gato, quando ele é um gato que trata da folha melhor, a gente faz aquele preço mais elevado... o tirador pensa que aquilo ali a gente tá querendo ganhar nas costa dele, ele não entende.

5. Relações entre os agenciadores da força de trabalho e os coletadores - o sistema de barracão

A coleta do jaborandi envolve diferentes situações em relação às condições de trabalho, à permanência na mata, à alimentação durante a extração da folha, às relações estabelecidas com os agenciadores de força de trabalho, em se tratando de áreas indígenas ou camponesas. Neste tópico trataremos especificamente das áreas camponesas, tentando identificar as várias modalidades de extração da planta, conforme diferentes situações. Para tanto, nos utilizaremos de depoimentos de fornecedores, coletadores e gatos das áreas de Pedra Preta, no município de Barra do Corda e Vila Fortaleza, no município de João Lisboa. Tanto uma como outra são áreas de ocupação relativamente recente (por volta dos anos 85 no caso da primeira e 89 no caso da segunda).

A atual Vila Fortaleza é contígua à Área Indígena Araribóia, distando aproximadamente seis quilômetros da aldeia Canudal. Aqui, a coleta realiza-se principalmente na Área Indígena e também nos chamados lotes, distribuídos oficialmente pelos órgãos fundiários aos camponeses após lutas e conflitos com os antigos proprietários da Fazenda Alvorada. Os Guajajara referem-se a essa área como antigos campos de caça por eles utilizados.

Naquelas situações de ocupação recente de áreas de floresta, como é o caso de Pedra Preta, a extração do jaborandi desempenhou importante papel na manutenção das famílias, até que fossem implantadas as primeiras lavouras. Este foi o caso da área denominada Pedra Preta, em Barra do Corda, um local de intensa produção de jaborandi por volta de 1985, 1986, quando a área foi ocupada por famílias camponesas. O depoimento que se segue é da

trabalhadora A., já citada anteriormente, esposa de um dos agenciadores de força de trabalho de dentro do grupo. Ou seja, o seu marido era um dos ocupantes da área e passou a administrar uma das chamadas cantinas ou barraco ou barracão, como é conhecido o local dentro da mata, onde o agenciador da força de trabalho armazena as mercadorias que fornece aos trabalhadores durante a coleta. Mais que um local no interior da floresta, porém, o barraco, barracão ou cantina, indica uma relação que é estabelecida entre trabalhadores e agenciador da força de trabalho e que será esclarecida em outro tópico deste relatório.

A: (...) *Se não fosse a folha ninguém não sabia como era que tinha escapado aqui dentro, porque os que vinha prá cá não veio nenhuma pessoa que tinha condição (...) Quando nós chegemo aqui ninguém encontrava um pé de mandioca, ninguém encontrava um pé de nada, de nada...sobre negócio de comida não tinha de jeito nenhum. eu trouxe uma meninazinha pequenininha. Ela tinha três meses quando nós chegemo prá cá. A menina comia massa de macaxeira (...) Prá nós adquirir mandioca prá dar pros filhos comer, moinho [bebês] tinha que buscar lá no Centro do Pereira, moradia antiga, velha, tinha distância de três léguas [dezoito quilômetros] ... pegava um animal, jogava um jacazinho e ia pedir os pezinho de mandioca lá prá fazer massa prá criança comer. o leite, meu amigo, só a aguinha que Deus dava e o açuquinho porque tinha nas cantina dos comprador de folha, né?*

O depoimento prossegue, relatando as duras condições de trabalho no interior da floresta quando as famílias estavam sem nenhuma reserva.

A: *Nós passemos uma época que lá em casa faltou arroz, na cantina faltou feijão, faltou um bocado de coisas na cantina. O V. foi buscar no Arame. Lá na firma do jaborandi não entregou logo prá ele, né? Os carro tava indo deixar as assistência. Quando ele chegou nós tava com quatro dias que tava comendo só favinha [uma espécie de feijão] pura, pura, pura. Só favinha que deus dava de bom que é a favinha que a gente já tinha ganhado das roças alheia. Porque não tinha outra mistura, não tinha uma massa, não tinha nada, um nada de se fazer mistura prá se comer (...) mas também não foi só eu... e era a dona da cantina, né? passava era necessidade do mesmo jeito que os outros passava.*

Os informantes relatam que os chamados cantineiros levavam basicamente sardinha em lata, farinha d'água e rapadura. A menos que os próprios trabalhadores caçassem durante o período de coleta, não ingeriam nenhuma proteína. Quando as áreas de floresta ainda se encontravam intocadas a presença da caça é bastante citada por vários deles, como dona A:

Dona A: *E quando os cachorro as vez acua uma caça, se você visse como era que ficava de gente ao redor desse buraco cavando, nós entrava dentro do buraco e aí prá sair era preciso as outras puxar pelos pés (risos)!*

Interessante notar que nessa etapa da ocupação de novas áreas de cultivo e moradia, o trabalho de extração do jaborandi coube mais às mulheres, enquanto os homens se dedicavam a implantar os roçados, conforme ilustra depoimento da mesma trabalhadora:

A: *Tinha muita folha mesmo, aí era as mulher que tirava, né, prá sustentar a casa e os homens era trabalhando (...) os marido iam brocar e derribar e as mulher ia tirar folha prá dar assistência da casa.*

O trabalho de filhas mais velhas também é citado com frequência, quando descrevem a extração naquele período, conforme relata dona A:

Pesquisador: Vocês passavam dias no mato?

Dona A: *Não, só um dia. As vez minhas meninas era que as vez passava semana com os tirador de folha, que a gente botava os tirador de folha dentro da mata e aí elas iam junto com os tirador. As menina da comadre Maria passava também semana no mato, junto com os tirador de folha.*

Evidentemente, com o boom da coleta de jaborandi que se seguiu a esses primeiros anos (1985,1986), homens, mulheres e crianças passaram a se dedicar à extração da folha, combinando-a sempre com a atividade agrícola, conforme descreveremos em outro tópico..

Naquele período, os homens permaneciam na mata por volta de oito dez dias, conforme prossegue dona A:

Pesquisador: De quantos dias o pessoal passava no mato tirando folha?

Dona A: *Se eles tivessem acampados no mato, eles passava oito dias porque durante aqueles oito dia se não fosse uma época do inverno eles nem banhar não banhavam. A água que ia... porque o cantineiro tinha que ir deixar a água no mato, não sabe? aí tinha que abrir as varedas prá caber aquele animal com aquela carga até onde tava o barraco armado dos tirador de folha. Aí o cantineiro deixava a água e deixava a despensa, né? o arroz, a sardinha, a rapadura e a farinha, aí já era responsabilidade do cantineiro.*

Depois desses primeiros momentos da ocupação da área e atualmente, nem sempre os coletadores de jaborandi permanecem dias seguidos acampados dentro da floresta. Em vários casos, dirigem-se durante o dia para a extração da folha e voltam às casas à tarde. Nestes casos levam seu próprio alimento, segundo os depoimentos, principalmente farinha e rapadura. pois acreditam que devem comer bastante doce para suportar os efeitos maléficos da planta sobre o corpo: dores de cabeça e tonturas, sobre as quais falaremos mais à frente.

Há também os casos de coleta esporádica, até mesmo de crianças, para comprar rapadura e outros produtos.

Além da alimentação precária, os informantes apontam para a presença de perigos dentro da floresta, como animais selvagens (onça principalmente), formigas, maribondos e outros.

Pesquisador: Tinha caso de gente ser picada de cobra?

Dona A: *Ave Maria, tinha cobra demais moço! nessa época foi só três, que eu me lembro, ah! e compadre M., foi mesmo, tudo por causa da tiração de folha. porque as*

vezes tem uma fera inlinhada num pé de folha, quando a gente vai levando a mão só encontra mesmo é a picada da bicha. E marimbondo? tem um senhor de marimbondo de tarde, tem uma senhor de italiana [abelha] italiana fazia mulher tirar a saia na mata que zoava (...) uma menina foi esporada de tocandira [formiga] nessa época ela passou três dias dizendo que parece que tinha ferroadado ela naquele instante. Mas é porque ela é fraca, né? porque tem gente que é fraca, gente forte só dura 24 horas a dor...

Apesar das duras condições de trabalho durante a extração - da fome, dos perigos da floresta as mulheres relatam esses momentos como de brincadeiras, de muitas conversas e diversão entre elas:

Dona A: *E ai quando a gente chegava no mato se espalhava. Só que a gente não se espalha assim prá muito longe, né? com medo. Que quando vai homem, o homem sempre não gosta de ficar perto das mulher que as mulher são muito escandalosas (risos) (...) tem hora que fica assim afastado e não tem graça e começa naquela gritadeira, né? Uma grita prum lado, outra grita prá outro, outra se maldiz prá outra (...) ai, quando as vezes topa numa bola de folha grande, ai ficam juntas aquele pedaço enquanto estão juntando aquele pedaço. Ai sai balera, menino, palestra de todo tamanho!*

Dentre os problemas apontados por coletadores estão as possibilidades de se perderem dentro da floresta. São inúmeros os relatos, mesmo de indígenas, de pessoas que se perderam durante dias e dias na floresta, sem ter como se alimentar ou matar a sede, arriscando-se a serem atacados por onças.

Um desses casos, ocorridos poucos dias antes da visita do pesquisador e enfrentado por um jovem coletador de jaborandi é relatado por dona H. e dona C. coletadoras de jaborandi de Pedra Preta, juntamente com dona A:

Dona H: *Ele pelejou prá acertar prá voltar, prá sair aqui e não saiu. Foi sair noutra área, a Sapucaia. O pessoal já tava aqui tudo atrás dele, a mãe dele vinha aqui toda hora (...) a onça tinha comido o cachorro do V.*

Pesquisador: Foi agora?

Dona H: *Agora, domingo...*

Dona A: *E achou um veado morto daquela horinha e não teve coragem nem de bolir com o veado. O veado dava uns sessenta quilos*

Dona C: *Se assentou, chorou lá no mato... ele é novinho, rapaz... a única coisa que ele comeu lá no mato foi caju que ele pegou no campo seco lá no barraco do povo naquela horinha, né? (...) Ele chegou na Cana Brava e pediu água prá uns cinco cabra e o povo não deram, desconfiado dele, pensando que ele era pistoleiro.*

Interessante ressaltar que além do medo dos animais selvagens os trabalhadores da região, ainda hoje, embora consolidada a ocupação, temem a presença de pistoleiros. O depoimento permite perceber como se autodefendem de estranhos, evitando, até mesmo,

prestar socorro ao rapaz, supondo ser ele um malfeitor, um dos muitos que se fazem presente no meio rural maranhense, a ameaçar famílias de posseiros.

IV. A EXPLORAÇÃO DO JABORANDI NA ÁREA INDÍGENA ARARIBÓIA, MARANHÃO

Neste tópico do trabalho, pretendemos tornar claro como se dão as relações envolvendo indígenas e seu território de um lado e, de outro, compradores de folha de jaborandi, para repassá-las aos chamados fornecedores. Em primeiro lugar, porém, fazemos uma exposição sobre as áreas indígenas do Maranhão, de modo a melhor localizar o leitor.

A. As áreas indígenas no Maranhão

O Maranhão possui dezoito áreas indígenas, listadas abaixo, juntamente com o povo predominante e o município onde se localizam ¹².

ÁREA	POVO	MUNICÍPIO
Alto Turiaçu	Guajá Tembé Urubu Ka'apor	Carutapera Cândido Mendes Turiaçu Monção
Araribóia	Tenetebara Guajá	Amarante Grajaú Santa Luzia
Awa	Guajá	Carutapera
Awa-Guajá	Guajá	Bom Jardim
Bacurizinho	Guajajara Urubu Ka'apor	Grajaú
Cana Brava	Guajajara	Barra do Corda
Caru	Guajá Guajajara	Bom Jardim
Geralda-Toco Preto	Guajajara Kokuiregatejê	Grajaú
Governador	Gavião Pukobiê Guajajara	Grajaú

¹² Fonte: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de - A Guerra dos Mapas - Repertório de Fontes Documentais para Apoiar a Leitura do Mapa Temático do Seminário Consulta "Carajás: Desenvolvimento ou Destruição?", 1993

Kanela	Rankokamekra	Barra do Corda
Krikati	Krikati	Montes Altos
Lagoa Comprida	Guajajara	Barra do Corda
Morro Branco	Guajajara	Grajaú
Porquinhos	Apaniekra	Barra do Corda
Rio Pindaré	Guajajara	Bom Jardim
Rodeador	Guajajara	Barra do Corda
Urucu Juruá	Guajajara	Barra do Corda
Guajá	Guajá	Santa Luzia

A Área Araribóia, de aproximadamente 413.589 ha foi demarcada em 1977, onde residem cerca de 2.381 índios. São os Tenetehara, conhecidos também como Guajajara os que vivem nessa área, sendo que registra-se a presença ocasional de grupos Guajá, únicos que ainda não se fixaram a um local. A distribuição desses índios na área não é fixa, pois, segundo regras próprias de sua organização social, é comum cindirem-se em novas aldeias, integradas por grupos locais. Algumas dessas podem possuir apenas duas famílias ou três casas, conforme o seguinte depoimento de V., cacique da aldeia Canudal:

Pesquisadora - Nessas aldeias aqui, tem quantas famílias ?

V - *Rapaz, tem muitas aldeinha, só se você vê. Só aqui, não tenho base de explicar bem direitinha, quem sabe mais ou menos é aquele rapaz ali. Mas daqui até Porangatu tem umas aldeiazinha, daqui acolá, daqui acolá você topo umas casinha, duas, três, prá ali também.*

Diante da complexidade da organização social dos Tenetehara, adotamos a classificação da FUNAI para situarmos as áreas onde acontece a exploração do jaborandi na Área Indígena Araribóia. Ressaltamos, porém, que, pelo fato de a ocorrência da folha ser registrada nesta Área, índios de outras aldeias, onde não há o jaborandi, executam a extração da folha em locais distantes de sua moradia.

A seguir, relacionamos os Postos Indígenas da Área Indígena Araribóia, com as respectivas aldeias subordinadas a cada um deles.

B. Postos indígenas e aldeias da A.I. Araribóia¹³

Ressaltamos que essa relação de 47 aldeias, sofre constantes modificações, em razão da mobilidade dos grupos locais Tenetehara, que se fracionam, constituindo novas aldeias. Destacamos, ainda, o fato de os postos indígenas se localizarem nas aldeias com maior população.

POSTO INDÍGENA CANUDAL

ALDEIAS

Canudal
Barreiro
Iporangatu
Mirindiba
Kari
Serozal
Bom Jardim
Cigana
Três Passagens
Olho D'água
Mucura
Bacuri
Mamão

POSTO INDÍGENA RUBIÁCEA

ALDEIAS

Rubiácea
Borges
Barriguda
Faveira

POSTO INDÍGENA LAGOA COMPRIDA

ALDEIAS

Lagoa Comprida
Toari
Cabeceira

POSTO INDÍGENA ANGICO TORTO

Sapucaia

¹³ - Cf informações FUNAI Imperatriz

Lago Branco
Toari
Tiririca
Jacu
Tarrafa
Marajá
Zé Leal
Nova Convivência com Cristo
Lagoa Vermelha
Jacaré
Jacaré II
Angico Torto
Cana Brava
Cururu
Mangueira

POSTO INDÍGENA ZUTIUA

ALDEIAS

Buritirana
Presídio
Papa Mel
Abraão
Patizal
Vargem Limpa
Tamburizinho
Sambaíba
Ponta d'água
Borá
Lagoa Quieta

C. Pequena história da exploração do jaborandi na Área Indígena Araribóia

O início da exploração de jaborandi nas aldeias subordinadas ao Posto Indígena Canudal data de 1978, segundo relatório do chefe de posto da FUNAI, responsável pela área. Segundo depoimentos do cacique da aldeia Canudal, seu Viana, porém, o início da exploração é anterior, tendo aí se iniciado em 1970, sendo que essa área não foi a primeira a ser explorada. Segundo ele, na época do início da exploração em Canudal, apareceu na aldeia um comprador com uma amostra, perguntando se naquela área existia folha semelhante, conforme o depoimento abaixo. Tudo indica que esse comprador referido é um famoso fornecedor de jaborandi que, inicialmente penetrava as áreas indígenas adquirindo peles de animais ao qual os informantes fazem alusão em outros depoimentos.

Pesquisadora : O senhor estava falando como é que foi o começo, há muito tempo atrás...

Seu V: *eu queria dizer que nós morava aqui. Eu estou com 45 anos aqui dentro dessa área. Sou filho daqui, não sabe? Eu morava ali pro lado do Arame, quando eu mudei prá cá foi com a idade de 12 anos.*

Pesquisador: Lá é uma aldeia?

Seu V: *É, exatamente, é essa área aqui. Então eu mudei prá cá, acabei de me criar aqui, continuei morando, já tô ficando velho, já tenho neto, agora já isso tudinho já tenho, né? só quando eu vim prá cá, que eu morei, já não tenho nem pai nem mãe mais... só tenho quatro irmão nessa área mesmo, que eu moro... aí ,acho que de 70 prá cá, já vinha sabendo da informação dessa folha, né, aí desse tempo prá cá, veio esse cara, esse moço, atrás da folha, inclusive parece que ele andou em Barra do Corda, prá banda d'acolé, né?*

Pesquisador - Então foi de 70?

Seu V: *Foi, por ali assim... aí quando ele trouxe essa folha de amostra, já tinha nessa área aqui, né? aí os índios já sabia dessa folha...*

Pesquisadora: Já conheciam, sabiam que tinha?

Seu V: *Sabiam que tinha essa folha, só não sabiam que tinha o valor essa folha, viu? Aí informemo prá ele: 'aqui nessa área tem folha' ... aí ele disse: 'se tiver a gente tira, dão um dinheiro, dão um valor'... Aí ele voltou, quando ele veio tava com tudo, o rancho, tirar folha, né, inclusive ele até levou uma folha daqui ."*

Até então os índios desconheciam o valor da folha de jaborandi, sendo que não a utilizavam para nada. A folha era chamada pelos índios Guajajara de ka'a, termo utilizado pelos Tenetehara para designar folhas pequenas. Segundo depoimentos o nome jaborandi teria sido trazido pelos brancos.

Na época dos primeiros contatos entre compradores e índios, estes últimos se surpreenderam com a constatação de que os brancos estariam comprando folha, conforme o seguinte trecho da entrevista realizada com seu R.P., um não índio incorporado ao grupo pelo fato de ter travado relações de amizade com os índios e de ter, posteriormente, casado com uma índia.

R.P: A gente via o jaborandi e não conhecia, ninguém sabia prá que era e ninguém sabia mesmo. Via aquele mato mais ninguém nem lembrava...

Pesquisadora - Era um mato

RP: Quando começou ... 'Ah, o pessoal tá comprando folha'.... Folha ? prá que serve folha, folha de pau ? agora tá bom, nós vamo ganhar dinheiro... Agora, só a folha especial de jaborandi... naquela época ninguém conhecia o tal jaborandi... Arame foi uma grande região de jaborandi, no Lago Branco, eu conheci , no Arame, onde eu vi jaborandi pela primeira vez...

Após a comparação da amostra trazida pelo comprador com a folha nativa existente na área e a constatação de que se tratava da mesma planta, o chamado comprador acertou com os índios a data do início da exploração e levou algumas folhas para analisar o teor

Essa época é descrita pelos índios como de abundância, sendo que as áreas de exploração eram mais próximas das aldeias, não sendo necessário adentrar muito na mata para procurar a planta.

A abundância desse recurso, na fase inicial da exploração, está ligada ao fato de existirem muitas áreas disponíveis, não sendo necessário, portanto, aguardar que as folhas de uma determinada região se regenerassem.

Segundo depoimentos, na área Canudal, no período que marca o início da exploração, até meados de 1989, apenas os índios extraíam a folha. O sistema de relações entre os coletadores e os intermediários, que predominou durante todo esse período foi o que denominamos de sistema de barracão, que será explicitado com detalhes mais à frente.

Na aldeia Canudal, a presença de não índios trabalhando no sistema que chamamos neste trabalho de sistema de arrendamento coincide com a criação do povoado Alvorada dos Gagos, também chamado de Vila Fortaleza, ou seja, há apenas cinco anos.

Com a criação desse povoado, as relações entre brancos e índios se intensificaram. Atualmente, o povoado e a aldeia Canudal mantêm relações de vários níveis, devido principalmente à proximidade, que é de apenas dez quilômetros. Os índios compram alguns produtos nas chamadas quitandas do povoado, tais como sal, óleo, açúcar, café, fumo, e outras mercadorias, além de participar das festas realizadas no povoado, dentre outras relações. Os chamados brancos, por sua vez, utilizam ocasionalmente o rio localizado na área indígena, trabalham na extração da folha no sistema arrendamento e também na extração de madeira na área, como motoqueiros. Este termo designa pessoa que trabalha com as motosserras na derrubada da madeira.

Após a criação do povoado surgiram mais dois tipos de exploração da folha na área indígena - o arrendamento e o sistema no qual os índios vendem diretamente a folha ao chamado comprador, residente no povoado.

O sistema de arrendamento, iniciou-se com a criação da Vila Fortaleza devido à facilidade no recrutamento da força de trabalho, pois são os próprios moradores da vila que trabalham na extração da folha. Ressalte-se que esses trabalhadores têm na agricultura o trabalho principal sendo que o assalariamento em uma determinada época, quando trabalham como coletadores de jaborandi aparece como uma alternativa de complementação da renda familiar.

Em outras áreas, como na aldeia Tiririca, subordinada ao Posto Indígena Angico Torto, cuja via de acesso é pelo município de Arame, o início da exploração data de 1971. O início da exploração nessa aldeia é marcado por uma profunda exploração do trabalho do índio. Nessa fase, os índios chegaram a trocar jaborandi por chapéus, conforme o depoimento de índios moradores da aldeia Tiririca :

Pesquisador - Mas vocês não sabiam o preço, sempre eles exploravam?

Índio 1: *É, eles viviam comendo a gente...*

Pesquisador: Sempre diziam que vocês tavam devendo eles?

Índio 2: *é, que nós tava devendo, a gente ficava devendo demais...*

Índio 3: *é, agora rapaz, não tem jeito, a gente ficava mais devendo...*

Pesquisador: Aí ele vinha buscar de novo mercadoria?

Índio 3: *Vinha, eles levavam de novo, nós vinha e comprava também, né, sem saber qual o preço que aquele objeto valia, né?*

Pesquisador: Aí eles se aproveitavam disso?

Índio 3: *é, chapéu também, botava o valor de um chapéu, o chapéu tinha mais valor que o jaborandi, aí ficava pagando...(..) só mesmo pagando chapéu... (risos)*

Pesquisador: Chapéu de botar na cabeça?

Índio 3: *É...*

Evidentemente, pelo desconhecimento do preço das mercadorias, pela atração que objetos sem valor para os não índios exercem sobre eles, pela ignorância acerca do poder de compra da moeda dos chamados brancos, os Tenetehara se tornaram vítimas de transações altamente lesivas a eles. A partir de então iniciou-se, também, a invasão de suas terras. Atualmente, é comum moradores de povoados próximos as aldeias penetrarem na área para explorar tanto o jaborandi como outros recursos vegetais, como o óleo de copaíba e a casca

de jatobá. A grande dimensão da Área Araribóia facilita o intrusamento pelos brancos, sendo que, em algumas circunstâncias, os índios nem tomam conhecimento da invasão, conforme o depoimento abaixo de R.P., informante já citado:

"olha, muitas vezes é área perto de branco, acontece muita exploração sem o índio saber, como aqui mesmo acontece. Lá em Araribóia também acontece, muitas vezes os índios não tão nem sabendo que branco tá entrando, quando o índio se espanta já foi tudo tirado. É que nem acontece aqui também, a copaíba tá sendo explorada de modo oculto, sem sair renda, você tá sabendo disso xará? [dirigindo-se ao cacique que tem o mesmo nome seu e que estava presente à entrevista] A copaíba tá sendo explorada, tá saindo sem renda..."

Pesquisadora: Os próprios brancos que vão tirar a madeira da copaíba tiram o óleo também?

R.P.: Não, tão tirando é o pessoal da Alvorada, os brancos tão entrando na área e tão tirando copaíba. Já tenho visto uma porção de vezes eles andar com os galãozinho, né, cheio de óleo de copaíba dentro da área. (...) o jaborandi também é explorado dentro da área, tá sendo roubado, melhor dizer assim".

P: Então tem branco que entra na área prá tirar jaborandi e os índios não ficam nem sabendo?

R.P.: Não fica nem sabendo. Acontece, você topa branco dentro da área, ele diz que tá tirando jaborandi prá outro índio e ele diz: 'não, não botei ninguém prá tirar jaborandi prá mim'... então ele usa nome de outro, do índio, prá ele poder entrar na área, já foi encontrado diversos casos...

Concluimos que o início da exploração do jaborandi na área Araribóia iniciou-se em 1970, sendo que as primeiras áreas exploradas foram as de mais fácil acesso, como aquelas próximas ao PI Angico Torto, que se localiza próximo a BR 006. Já as áreas localizadas mais no centro da mata, como na aquela próxima ao PI Lagoa Comprida, o início da exploração data de 1980, sendo, portanto, mais recente.

D. Relações de exploração do trabalho dos índios

Identificamos duas modalidades de relações entre atores sociais envolvidos na extração da folha de jaborandi em áreas indígenas, sendo que em cada uma delas podemos perceber diferentes tipos de exploração do trabalho de indígenas e camponeses. Há ainda o sistema de arrendamento das terras indígenas para fins de extração da folha. Neste caso, a força de trabalho não é indígena, mas camponesa e aí a exploração dos índios se dá de outra forma, via preço e forma de pagamento do arrendamento pelos gatos ou fornecedores. Essas modalidades são as seguintes : o sistema que estamos chamando de sistema de barracão, o sistema no qual os índios arrendam a terra e o sistema que estamos denominando de extração autônoma, que é executado pelos próprios índios, em que não aparece a figura do agenciador da força de trabalho. Neste sistema, os próprios índios decidem quando, como e quanto coletar e vendem as folhas diretamente ao chamado gato.

Cada uma dessas modalidades possui especificidades no que se refere à relação entre os atores sociais envolvidos, condições de trabalho, recrutamento da força de trabalho, dentre outros aspectos .

1. O sistema de barracão

Na fase inicial de exploração do jaborandi nas áreas indígenas pesquisadas predominou apenas o sistema barracão, que consiste no recrutamento da mão de obra indígena para trabalhar em um determinado período na extração da folha. As famílias construíam, então, os chamados barracos e se instalavam na mata, onde permaneciam por um período de tempo que variava de quinze dias a dois meses. Apesar de na fase inicial esse ter sido o sistema que predominou, atualmente ainda pode ser observado, embora mais raramente e sendo que o período de permanência na mata, neste caso, é menor, em função mesmo da própria diminuição da ocorrência da planta.

Naquela época, a aldeia chegava a ficar desabitada durante a época de trabalho na folha, sendo que as famílias se deslocavam todas para a mata, conforme demonstra o seguinte depoimento do seu R.P., já citado.

Pesquisadora - Mas aí, nessa época vocês iam tirar a folha e voltavam para comer aqui ou ia acampar lá pelos matos ?

P- Geralmente a gente tinha um barraco... Aqui na aldeia, quando era tempo do jaborandi, da pessoa tirar o jaborandi, não ficava quase ninguém, a não ser o chefe que ficava no posto, né, o pessoal tudo deslocavam pro setor de trabalho.

P - E passava quantos dias ?

P - Passava até mês por lá (...) mês, dois mês.

Esse sistema, ainda hoje, se caracteriza pela absorção da força de trabalho de toda família, inclusive de crianças, conforme o seguinte depoimento do índio A da aldeia Canudal

Pesquisadora - Mas em áreas próximas ou dentro dos matos ?

A - Dentro dos mato alto (...) entra ai dentro do mato, ai vai embora, ai chega de tarde com a folha, todo mundo, a mulherzada, a meninada, rapazeada...

No sistema de barracão é o chamado fornecedor quem financia as mercadorias que compõem a cantina, ou seja, os mantimentos consumidos pelos índios durante a coleta. Apesar de o chamado fornecedor financiar a cantina, é o agenciador da força de trabalho, o denominado comprador, que fiscaliza o trabalho dos índios, executando pagamentos, tomando conta da cantina, além de ser responsável, também, pela secagem das folhas. Esse comprador é igualmente chamado de patrão, termo que, no Maranhão e em outros estados da Amazônia designa aquele que agencia a força de trabalho e a mantém imobilizada pela dívida.

Os índios consomem esses alimentos sendo que, posteriormente, esses alimentos são descontados do dinheiro a ser pago pelo trabalho de extração. O seguinte depoimento, do índio Vi., cacique da aldeia Canudal, explicita essa relação:

Pesquisadora - Mas essa comida é por conta de vocês ou é o seu Raimundo Gago que dá a comida depois desconta ?

V - Não, não. No caso, se falar assim, é, eu trabalho prá um patrão, né, ai eu compro o óleo, eu compro o açúcar, eu compro o café, às vezes eu compro um pacote de biscoito, né, prá mim merendar, quando eu for sair pro serviço (...) se for trabalhar junto com o patrão, com o gato lá dentro, já compra açúcar lá, já compra café, já compra o que tiver lá dentro, né, o que dá de levar pró povo lá, prá vender...

Em alguns casos os índios nem chegam a ser remunerados pelo seu trabalho. Apesar do árduo trabalho, ainda ficam devendo ao comprador, pois o consumo em alimentação, tendo em vista os preços praticados pelo agenciador da força de trabalho ao vender as mercadorias aos índios, chega a superar o valor que foi estabelecido por esse mesmo agente para o trabalho do índio. O depoimento abaixo, do índio V., da aldeia Tiririca ilustra essa situação :

Pesquisador - Mas quer dizer assim, antigamente, quando vocês tiravam jaborandi ajudava vocês a comprar café, óleo, essas coisas que vocês precisavam ?

V - ... Já trabaçou [trabalhou] de muito, não dava nem prá pagar a conta, muitas vez. Era só pagando a conta.

Pesquisador - Como era que você trabalhava, qual era a tua relação com o patrão?

V: Era ajudando o patrão assim, comprando as coisas prá levar prá manutenção. Tirando aqui e ele pagando, né? Mas a gente ia pro mato tirar aquele jaborandi, ficava

devendo ao patrão(...) ai é só pagando, só pagando a conta, nunca terminava de pagar a conta... (...) foi indo, foi indo até ficar devendo o tempo todo...

Para diminuir os descontos provenientes do consumo na cantina, os índios algumas vezes conciliam o trabalho da extração da folha com a caça de animais selvagens. Em algumas circunstâncias os índios tentam levar alguns produtos de seus roçados para amenizar as despesas com alimentação. O comprador, no entanto, se recusa a transportar esses produtos provenientes dos roçados, para condicionar o índio a sempre retirar produtos da cantina, conforme demonstra o seguinte depoimento do seu R.P., morador da aldeia Canudal, citado inúmeras vezes neste relatório:

Pesquisadora - Vocês não levavam daqui produtos da roça, prá comer lá, quando vocês iam trabalhar ?

R.P. - *Só que não dava prá levar, muitas vezes não dava. Olha, vou contar, antigamente a gente tirava folha, quando a gente ia tirar folha a gente queria levar um produto, queria levar um produto da roça, a farinha que a gente faz, mas a gente queria de Toyota e o Toyota tava cheio, ai o dono do Toyota chegava e dizia : - Não, não dá de levar o mantimento. Eu acho também que era uma jogada prá comprar o que tinha lá dentro [na mata] acontecia isso, muitas vezes dizia : - O Toyota tá pesado, não dá prá levar farinha.*

A questão da falta de produtos na cantina também é freqüente, obrigando os índios a trabalhar, em algumas circunstâncias, com fome, conforme o seguinte depoimento do seu R.P., morador da aldeia Canudal :

P - *Olha, a gente chega a tarde no barraco, você vai comer farinha, porque às vezes não dá tempo de você caçar, matar uma caça.*

Pesquisadora - Mas nessa época não tinha a cantina que vendia ?

P - *Na época da cantina, tem vez que a cantina acaba também. Muitas vezes você chega na cantina só tem o arroz e a sardinha... não tem, não vem jabá, aí muitas vez você deixa de tirar folha hoje prá caçar, porque tem dia que nêgo chega no barraco, só vai comer farinha.*

Sobre as relações de exploração do trabalho do índio, é interessante ressaltar que o chamado gato controla o consumo de alimentos na cantina, ou seja, ele leva apenas a quantidade de alimentos suficiente para manter minimamente a força de trabalho, pois, segundo a opinião de um dos gatos entrevistados, quando os índios comem muito, tendem a produzir pouco. Abaixo o depoimento do gato R, que ilustra essa situação :

(...) Primeiro, o índio, tem que saber uma maneira de se trabalhar com ele. O índio, ele estando comendo, ele não vai trabalhar, estando com a barriga cheia, ele não vai - Então, tem que levar, você não pode deixar ele passar fome e não pode ter comida demais, se não ele não vai trabalhar, então você tem que levar na manha, porque o índio, ele vai lá

e tira, ele segura o galho, ele só tira a folha, ele não judia o pé, agora o cristão não, ele corta o pé...

O gradual aumento da distância entre o local onde se situa o chamado barraco e as áreas de exploração da folha, constitui outra dificuldade enfrentada pelos índios, conforme o seguinte depoimento do seu R.P., morador da aldeia Canudal :

P: Quando os índios iam tirar folha que eles ficavam acampados, era o tempo todo tirando, só parava prá comer?

R.P.: *Não, a gente vai no mato e tira 30 quilos de folha, 35... e volta meio dia e vai descansar... naquele época, né, ia até meio dia, tirava... Quando o jaborandi tava bastante grande já, muitas vezes no setor a gente, négo vai tirando, vai tirando, vai ficando bastante distante, né, muitas vezes chega até seis quilômetros dentro da mata, dá tempo de sair muito cedo para chegar cedo em casa também. Agora só que muitas vezes a gente sofre, não é só uma vida de flor, também tem espinho... olha, a gente chega à tarde no barraco, você vai comer farinha, porque às vezes não dá tempo de você caçar, matar uma caça...*

Para se ter uma idéia do grau de desgaste da força de trabalho despendido na extração da folha, o próprio trabalho agrícola é considerado mais leve, conforme o seguinte depoimento do índio D., da aldeia Canudal :

Pesquisadora - Mas é um serviço ruim ?

D - *É ruim demais, prá mim é ruim, é pior que a roça ainda, porque o cara vai longe, chega cinco horas e com fome, eu achei foi ruim (...). É ruim demais panhar folha, eu tô com mais de um ano sem panhar folha.*

O transporte, tanto do jaborandi até Amarante, quanto dos produtos da cantina é financiado pelo fornecedor, mas ele não se envolve na administração dos produtos, nem na fiscalização do trabalho dos índios, sendo essas as funções do gato.

Os índios geralmente se dirigem a pé da aldeia até a área de extração da folha, sendo que são também responsáveis pela construção dos chamados barracos moradias temporárias das famílias no interior da mata.

Destaca-se, ainda, o fato de os índios terem trabalhado na abertura de estradas para escoamento do produto. Nesse período, enquanto os homens construíam a estrada, as mulheres e as crianças trabalhavam na extração da folha de jaborandi, conforme os depoimentos abaixo, do seu R.P., não índio incorporado ao grupo e do R.G., segundo cacique da aldeia Canudal, respectivamente :

Pesquisadora - Vendia pro N. ? -

R.P. -*Era, o velho N. foi quem abriu essa estrada para passar com o toyota, daqui até o Cari. Eu lembro disso como se fosse hoje. Aqui, abrindo a estrada manual mesmo.*

Pesquisadora - Os índios ?

R.P - *Os índios mesmo empreitavam um bocado.*

Raimundo Gordo - *No tempo de seu N, quem fez a estrada foi nós.*

Pesquisadora - Nessa época, que foi aberta essa estrada, as mulheres, as índias também trabalhavam, ou era só os índios ?

R.P. - *As índias, muitas vezes os homens trabalhava na estrada e as mulheres tiravam jaborandi, que o jaborandi era muito perto, era perto do barraco.*

Raimundo Gordo - *Era perto...As mulheres saiam com um saquinho por aí e olha...*

Nas representações que os Tenetehara elaboram a respeito da relação descrita acima, eles perdem autonomia, tornando-se o que entendem por peões, ou seja, subordinados a um patrão. Essa relação estabelecida contraria a organização social do grupo, pois acaba por lhes impôr uma lógica capitalista. Dessa forma, novos conceitos se impõem, tais como responsabilidade, lucro, horários, dentre outros.

Os próprios índios, no entanto, questionam essas imposições, como se pode notar no depoimento abaixo do índio V., da aldeia Tiririca :

Pesquisador: Mas qual a importância do jaborandi prá vocês? tem importância? é importante prá ganhar, prá aumentar a renda de vocês?

V: *Não, nós não tá preparado não...nós índio não estamos preparado, né? quer dizer, prá fazer o negócio, prá fazer o comércio (...) os índio aí até agora não estão entendendo ainda, viu? (...) a gente tá trabalhando é de peão ... a gente quando quer oportunidade era a gente mesmo negociar com o jaborandi, fazer convênio com empresa que tá precisando desse jaborandi... Mais pelo contrário, o índio pela falta de capacidade aí se torna trabalhando peão pro patrão, né? aí quer dizer não mudou nada, não ganha nada por isso aí. É, só tem mais só trabalho...*

2. O arrendamento da área indígena

O sistema arrendamento funciona semelhante ao sistema de barracão, sendo que, nesse caso, não são os índios que trabalham diretamente na folha, eles apenas arrendam a terra para a exploração do jaborandi. Quem trabalha na extração das folhas são os chamados tiradores, em geral trabalhadores rurais que residem em povoados próximos a aldeia.

Os atores sociais envolvidos nessa relação são os seguintes : o fornecedor, que mantém relações diretas com a firma, sendo o responsável pelo financiamento da cantina e transporte do produto; o gato, uma espécie de empregado do fornecedor, sendo responsável pelo pagamento tanto dos chamados tiradores, quanto dos índios e aquele que supervisiona o

trabalho, abastece e administra a cantina além de secar as folhas; os tiradores, que executam o trabalho de extração da folha e os índios, que arrendam a terra

O grau de exploração dos coletadores na situação de arrendamento da área indígena é ainda maior do que aquela dos índios submetidos ao sistema de barracão. Ou seja, os chamados tiradores também ficam endividados com o consumo dos alimentos, igualmente permanecem com fome quando falta alimentos nas cantinas, e ainda têm descontado do valor de seu trabalho a taxa que os compradores dizem ter que pagar aos índios.

O arrendamento acontece há bastante tempo em algumas áreas, como aquela próxima ao PI Angico Torto, sendo que em outras áreas, como aquela contígua ao PI Canudal, é bastante recente. Nessa última, o sistema arrendamento iniciou no ano de 1989, ou seja, coincide com a criação do povoado Vila Fortaleza.

Os chamados tiradores que trabalham na área indígena próxima ao PI Canudal, na situação de arrendamento, residem na Vila Fortaleza, sendo que combinam do trabalho agrícola com a extração do jaborandi. Em algumas situações, praticam a extração da folha naqueles momentos em que as lavouras não exigem tantos cuidados e, em outras, deixam os outros membros da família praticando os tratos culturais.

Os coletadores armam seus barracos dentro da área indígena e lá permanecem por aproximadamente quinze dias, trabalhando na extração da folha. Nesse período, a alimentação consumida é descontada no momento posterior, da venda da folha ao chamado gato ou comprador.

O chamado comprador ou gato, nessa circunstância, é uma espécie de empregado do fornecedor e obtém seu lucro da venda das mercadorias aos coletadores e também na compra e revenda das folhas, já que as compra verdes, por um preço e as vende secas, por um preço maior. O coletador é, deste modo, triplamente explorado, pois de sua renda é descontado o valor das mercadorias a um preço mais alto que o de mercado e o dinheiro a ser pago aos índios pelo arrendamento da terra. Vendem a folha a baixo preço, compram as mercadorias a preço alto e, além disso, pagam a renda da área onde existe o jaborandi.

O depoimento abaixo, do tirador B, explicita o fato de ser o próprio coletador quem paga o arrendamento :

Pesquisadora - Ele arrenda e vocês trabalham ?

B - *Trabalha, aí a gente chega, pega aquela quantia de folha, aí vê o quê que deu, aí daquele dinheiro, aí tira a porcentagem do índio.*

O montante pago aos índios pelo arrendamento da área varia de acordo com a quantidade de quilos de folha coletado. As folhas são pesadas no local onde se localizam os chamados barracos, ou seja, distante das aldeias, o que dificulta o acompanhamento da pesagem de parte dos índios. Nas situações em que não há esse acompanhamento, geralmente o preço pago não equivale a quantidade de jaborandi coletada.

Os depoimentos registram reclamações dos índios em relação ao não pagamento justo do arrendamento devido à fraude na pesagem do produto. Ocorre que, quando muitos não brancos se dirigem à área para coleta, os índios não conseguem monitorar sistematicamente a pesagem das folhas, o que resulta em perdas no valor a ser pago pelo arrendamento. A este respeito se manifesta seu R.P.:

Pesquisadora: Não tinha índio que acompanhasse a pesagem?

R.P.: *Não tinha (...) ainda hoje isso acontece, não tem um índio que acompanhe o trabalho quando o branco vem tirar folha aqui, arrendado...*

Pesquisadora: Então não sabe realmente se aquele tanto que ele diz que tirou é aquele tanto?

R.P.: *É aquele tanto, eu fico confuso com isso, porque muitas vez a gente vê um monte de folha, que agente que é acostumado, a gente já sabe mais ou menos quantos quilos que dá, e muitas vezes eu acho que a gente é fraudado nisso, viu?*

Pesquisadora: Mas eles trazem assim uma coisa prá pesar, ou vocês vão pelo olho?

R.P.: *Não, muitas vez eles traz a balança prá pesar, mas digamos, o índio ele pega 10 ou 15 ou 20 branco dentro da área, como bem, o cara chega, o comprador bota 10 ou 15 branco dentro da área prá arrendar. Quer dizer que não fica uma pessoa direto na hora da pesação da folha, o problema é esse... (...) então tem que ter uma pessoa prá acompanhar o trabalho prá gente não ser fraudado (...) principalmente o branco, que hoje em dia a gente não dá prá confiar em muitos brancos e tal... principalmente que vem prá cá prá área acompanhar o trabalho do índio... dizer: 'eu vou ajudar, vou acompanhar esse trabalho aí prá ti compadre, que é como eles chamam... eu até não gosto, porque muitas vezes a pessoa chega 'e tu, compadre?' compadre não é isso...*

Note-se que, apesar de não ser índio, o informante foi incorporado ao grupo pelo casamento com uma índia. Apesar de sua condição de não índio, fala como se fosse um deles, desconfiando da honestidade dos não índios. Ele critica, também, o costume dos não índios de se dirigirem aos índios chamando-os de 'compadre'. Neste caso, para ele, a relação de compadrio teria outro significado, o do estabelecimento de laços de confiança mútua.

Prosseguindo em seu depoimento, R.P. chama a atenção para a necessidade de os índios supervisionarem a pesagem das folhas coletadas em suas áreas:

R.P.: *Então eu acho que era o próprio índio mesmo ter um pouco de cultura, chegar e tal, que aqui tem índio que tem capacidade prá isso, prá chegar e dizer: 'vamos acompanhar o preço, vamos acompanhar o peso (...) O cara pesa seja como for (...) o comprador, o pessoal acredita muito na balança deles (...) já foi atestado isso com dois compradores que tem aí: levava prá um, levava prá outro, a balança do outro aí aumentava, o de lá diminuía, então tem problema... Tenho pena, o jaborandi tá acabando e a gente não vê nada de futuro, a gente olha aqui e não vê nada de futuro...*

O arrendamento da área indígena para fins de coleta do jaborandi apresenta uma variante. Trata-se da situação em que qualquer índio pode entrar em acordo com um ou mais coletadores para a exploração da área indígena. A diferença dessa situação para a descrita acima, é que, geralmente, o número de não índios contratados por um índio é sempre menor do que no sistema acima, além de inexistir o fornecimento de *cantinas*. Os brancos que trabalham nessa forma específica de arrendamento, em geral moram em povoados próximos às áreas exploradas. Esse tipo de relação tem facilitado o intrusamento da área indígena, devido a dificuldade em diferenciar os brancos que estão trabalhando no sistema de arrendamento daqueles que estão invadindo a área. Assim, quando brancos invasores são surpreendidos na área, eles argumentam que estão trabalhando no sistema arrendamento, conforme demonstra o depoimento abaixo do seu R.P:

Pesquisadora - Então tem casos de brancos que entram na área prá tirar jaborandi e os índios não ficam nem sabendo, ?

R.P. - *Não fica nem sabendo .Acontece, você topa branco dentro da área, ele diz que tá tirando jaborandi prá outro índio, ele diz : - Não,eu não botei ninguém prá tirar jaborandi prá mim. Então ele usa o nome de outro, do índio prá ele poder entrar na área. Já foi encontrado diversos casos.*

A respeito dessa forma de exploração do jaborandi não foi possível obter maiores detalhes, sendo necessário, para tanto, a realização de um trabalho de campo mais aprofundado. Quanto à negociação para o arrendamento da área indígena, assim como a forma de distribuição dos recursos deste modo auferidos, entre os integrantes do grupo, gostaríamos de esclarecer que pensamos aprofundar essa questão na continuidade desta pesquisa. Por ora, o que podemos afirmar é que, em algumas áreas, os informantes afirmam ser de responsabilidade do cacique tanto a negociação do preço do arrendamento quanto a distribuição do dinheiro entre os outros integrantes do grupo. O depoimento abaixo, do mesmo R.P. ilustra a dificuldade encontrada pelos próprios integrantes do grupo em identificar o que é feito com o dinheiro do arrendamento :

Pesquisadora : E no caso quando os índios arrendam, por exemplo, se vêm vinte brancos, aí o dinheiro desse arrendamento, quem comanda , é o cacique ? como é que é ?

R.P. - *É o cacique. Agora só que não sei bem como é que fica isso aí. Eu ainda não conversei bastante com os caciques sobre isso. Eu sou pouco inteligente prá mim conversar com eles, saber das coisas certo, mas esse ponto aí ainda não veio na minha mentalidade, prá mim procurar o chefe, o cacique, como é que fica isso aí , porque veja, muitas vezes o próprio índio mesmo se queixa, o dinheiro do arrendamento prá onde é que foi, prá onde foi esse dinheiro .*

Na aldeia Lagoa Comprida, segundo as informações coletadas, o acordo pode ser feito com qualquer índio, conforme o depoimento abaixo do índio O :

Pesquisadora - Mas o acordo que eles fazem é com o cacique, ou pode ser com qualquer índio ?

O - *É com o cacique também, e pode ser com a gente também.*

Foi possível identificar algumas situações em que o dinheiro adquirido com o arrendamento da área é utilizado para realizar benfeitorias na aldeia. No entanto, para entender mais aprofundadamente as circunstâncias em que tais situações acontecem, faz-se necessário um trabalho mais demorado, que permita um entendimento sobre a atual organização social dos Tenetehara e de como se insere, nessa organização, a atividade de coleta do jaborandi.

A complexidade dessa questão relaciona-se também ao fato da imposição de relações capitalistas a um grupo com uma cultura específica. Entender a reorganização das relações sociais dos índios face a essas imposições é um trabalho que exigiria mais tempo de convivência.

Sabe-se, no entanto, que a necessidade de gerenciamento da extração dessa planta, acaba por complicar as relações entre os integrantes do grupo, principalmente quando, em vez de o dinheiro recebido pelo arrendamento da área ser aplicado para beneficiar o conjunto das famílias, é distribuído entre os índios diretamente implicados na transação, conforme podemos perceber no trecho de depoimento do índio O. da aldeia Canudal:

Pesquisadora - E porque só vocês não tiram ?

O - *Pois é, é isso que falta, só nós mesmo tirando não tem problema, mas com os branco não, trás um bocado de confusão. Tem muita pessoa que entende, né, que aquele preço é baixo, a gente mesmo. Tem muita pessoa que não entende, não, pensam que tão ganhando muito dinheiro e não dá nada, aí começa... Os comradô prometem fazer uma arrenda pró cacique, arrenda e aquele dinheirinho e não dá nada.*

3. O sistema de extração autônoma do jaborandi pelos índios

Durante todo o ano os índios executam o trabalho de extração de pequenas quantidades de folha por conta própria. Recorrem a esse sistema sempre que precisam de um dinheiro extra. A diferença entre esse sistema e o sistema barracão é que no primeiro os índios voltam para suas casas após o trabalho, sendo que são responsáveis por sua própria alimentação. Em geral o coletador vai sozinho para a mata, sendo que, em algumas circunstâncias, vão em grupo, participando deles mulheres e crianças.

Abaixo o depoimento do índio A, morador da aldeia Buracão a respeito da alimentação na situação em que os índios extraem o jaborandi por conta própria:

Pesquisadora: Não leva comida não?

A - *Leva só a farinhazinha dentro do saco, na hora que aperrear a fome, aí come ao menos a farinha dentro dos mato, prá guentar [agüentar] até mais tarde, é duro.*

Essa situação, em que os índios trabalham por sua própria conta é marcado por um alto grau de exploração de sua força de trabalho. Quando o povoado onde reside o chamado

comprador é próximo a aldeia, são os próprios índios que se encarregam de levar o produto, nas costas ou em animais. Nessa situação, os índios vendem a folha verde ao chamado, que, em geral, é o mesmo gato que trabalha na área no que vimos chamando aqui de sistema de arrendamento.

Nas áreas onde o comprador mora próximo a aldeia, como no caso de Vila Fortaleza, os índios tiram em qualquer ocasião, enquanto nas aldeias mais isoladas o chamado comprador encomenda as folhas aos índios, sendo também de sua responsabilidade o transporte do produto.

A ocorrência desse sistema demonstra que, em qualquer época, o chamado fornecedor compra as folhas oriundas da área indígena. O depoimento abaixo do comprador de Canudal, seu R.G., ilustra esse fato :

Pesquisadora - Mas sempre que o senhor compra a folha, tem venda lá no seu N ?

R.G. - *Tem, tem sempre. Qualquer tempo.*

4. Diferença na qualidade das folhas coletadas por índios e não índios

Os índios avaliam o trabalho executado pelos brancos na extração da folha como sendo de péssima qualidade, pois, segundo eles, os não índios tiram folhas misturadas com galhos para aumentar o peso, o que degenera os pés de jaborandi. Segundo os índios, os brancos não possuem o cuidado de tirar as folhas sem quebrar os pés porque a área não é deles. Dizem, ainda, que aos chamados brancos pouco importa se os pés vão voltar a brotar ou não.

Em algumas áreas, como na área próxima a aldeia lagoa Comprida, os índios orientam e fiscalizam o trabalho executado pelos brancos no sistema de arrendamento. Abaixo, a avaliação de R.P., sobre o trabalho executado pelos brancos. Abaixo a avaliação de R.P.. sobre o trabalho executado pelos brancos :

P - *O branco você sabe, ele tem a ganância, ele chega, quebra, muitas vez ele embola, pega talo de jaborandi bota dentro do saco, ele quer saber que vai pesar. É o peso que é importante.*

Ainda sobre o coleta inadequada executada pelos brancos, apresentamos a seguir trecho do depoimento do índio O, da aldeia Lagoa Comprida e do não índio que mora na mesma aldeia, Z.:

Pesquisadora: Então, a melhor forma de tirar é tirar prá baixo?

O: *tira prá baixo (...) ai tira, depois tira, se não quiser tirar a ponta, ai deixa as ponta né? (...) prá crescer mais ligeiro, se quebrar as ponta sai mais ligeiro...*

Pesquisadora - E os brancos não tem essa preocupação ?

O - Não ,aqueles pè pequeno, ele faz é cortar, quebrar, ou então arranca..Mas se o índio tiver na hora lá, a gente diz - Não é prá tirar desse jeito não, é prá tirar só as folha.

Já o trabalho executado pelos índios é descrito pelos próprios compradores como de melhor qualidade. Apesar de ser mais lento , as folhas extraídas pelos índios são descritas por esses comerciantes como limpas, ou seja, sem galhos. Nas áreas onde o próprio índio extrai a folha, há uma regeneração rápida do recurso, em função da forma correta como é executada a extração.

Apresentamos abaixo o depoimento do comprador R., que trabalhou muito tempo com a Fitobrás, sobre a diferença do trabalho executado pelos índios daquele executado pelos brancos :

R - O cristão, ele judia muito, ele é muito ganancioso, ele quer é ganhar, né, é aquele negócio que eu tava falando aqui, já o índio não.

Outro comprador G , de Barra do Corda, sobre o trabalho executado pelos índios na extração da folha :

G - O Guajajara tira, e tira bem. O melhor tirador de folha que tem, ele tira sem danificar a planta

Pesquisador - Tem diferença entre o índio e o não índio ?

G - Tem sim. O índio Guajajara ele colhe sem, sem danificar a planta. Quando o branco, ele pega, corta bem embaixo, porque ele não interessa se vai pau, broto, aquela raiz prá pesar mais...significa prá ele é peso .

5. A atividade agrícola e a extração do jaborandi

Os índios conciliam o trabalho nos roçados com a extração da folha. Quando questionado se deixava de trabalhar na roça para trabalhar na folha, o cacique da aldeia Canudal, seu V. responde :

não ,deixa de tirar jaborandi prá cuidar da roça.

O trabalho na roça é de extrema importância para os índios, pois segundo os depoimentos são os produtos do roçado que garantem o sustento da família, conforme o depoimento do mesmo índio citado acima :

Pesquisador - É importante?

V - A roça é mais importante porque dá o sustento de graça, né ? Quer dizer, eu não importo nessa área aqui, tem uma área de terra pros índios que deu, que o pessoal fala, que a FUNAI... rapaz, não dá nada... porque é o seguinte, não tem coisa melhor do que

essa área que foi dada prá toda a tribo de índio, porque o governo deu um pedaço de terra prá nós trabalhar, porque onde que nós tem dinheiro prá comprar ao menos um pedacinho de terra prá nós trabalhar? nós não tem não... então essa área aqui ele tirou prá nós, vamos trabalhar dentro... (...) porque não vai dar cumê prá nós, né, agora mandando uma ajuda na parte de saúde, educação, tudo bem... agora, quem vai fazer fatura aqui dentro é nós que mora aqui dentro, trabalhar aí...tendo a terra prá trabalhar planta arroz, mandioca, milho, tudo que tiver de plantar a gente planta, aí, já é nossa, do que trazer lá da rua, nós tem que transportar prá fora, né, mas prá trazer lá da Brasília prá cá tendo área prá trabalhar...

Pesquisadora: Brasília é onde?

V: Aqui perto, aqui perto..

Ainda sobre a importância fundamental do trabalho na agricultura, assim se expressa o índio A, da aldeia Buracão :

Pesquisadora - E continua botando roça ?

A - *É, só roça que dá prá gente (...) dá sustento prá família, dá mais. A folha, trabalhando só na folha não dá não, dá não.*

Pesquisadora - Não dá, né ?

A - *Comprando as coisa pró meu filho, porque hoje em dia é tudo caro (...) É, não pode comprar o cumê . A farinha, o arroz, a gente tem porque trabalha também.*

O único período em que os índios deixaram de plantar para colher a folha de jaborandi, foi na época da concorrência entre a Vegetex e a Fitobrás, conforme o depoimento abaixo do seu R.P.

Pesquisadora - E no caso quando o índio vai tirar jaborandi, não prejudica a roça, o trabalho na roça ?

R.P. (...) *é, na época, voltando atrás, na época do jaborandi, ficava até sem roça, devido a força do jaborandi, ficava até sem roça devido a força do jaborandi.*

Nesse período de concorrência entre as firmas Fitobrás e Vegetex, 1987 a 1988, a Fitobrás chegou a contratar alguns brancos para trabalhar nas roça enquanto os índios extraíam a folha de jaborandi. Sobre esse assunto assim se manifesta seu R.P: Nessa ocasião, a empresa, preferindo a folha coletada pelos índios, mandou colocar 600 linhas de roça, trabalhadas pelos não índios para distribuir depois entre os índios, enquanto estes se dedicavam à coleta do jaborandi.

R.P: *Muita roça queimaram naquela época... foi um trabalho bonito, um trabalho em conjunto e o cacique e os chefes, o pessoal que tavam aqui coordenando o serviço já*

dividiram as roças plantada, de um tudo, a mandioca, o arroz, o milho no tempo que tinha. Então, nessa época, ninguém ficou sem roça, todo mundo tinha um pedaço de roça...

Pesquisadora: Mas por que a Fitobrás...

R.P.: *Sim, mandou fazer 600 linha de roça, os índios apenas tiravam as folhas...*

Pesquisadora: E os brancos trabalhando nas roças?

R.P.: *Trabalhando tudo (...) os índios pagos pela dona Tucura, pagos pela Fitobrás*

Pesquisadora: Mas os brancos ficavam hospedados aqui, como era?

R.P. *Eles se alojavam nessas casas de forno que tem aqui, alguma casa velha que eles achavam, eles se abrigavam nela... (...) durante todo o tempo que tinha o trabalho de roça eles ficaram aqui (...) de novembro a julho era sempre cheio de branco aqui trabalhando, tinha mais ou menos uns 40, era 40, 50...*

Pesquisadora: E essa produção ficou prá vocês?

R.P. *Ficou aqui na comunidade, ficou com a comunidade... (...) depois o chefe de posto pegava umas carradas e ia vender fora. Agora, eu não sei onde é que ficava o dinheiro, é uma coisa que eu não acompanhei esse trabalho... eu só vi a firma, a comunidade comentando...*

Interessante notar que os índios se referem, em diferentes depoimentos à dona Tucura ou Maria Tucura, como sendo uma empregada da Fitobrás. O que se pode apurar é que houve realmente uma empresa chamada Tucura que também comprou o jaborandi durante determinado período, por volta de 1985.

Os índios plantam os produtos necessários a sua subsistência, principalmente, o arroz, a mandioca, o feijão e a fava. O principal produto excedente de algumas aldeias é o arroz, que é comercializado em povoados próximos. Não detalharemos as relações estabelecidas nesse processo produtivo em razão do curto período de permanência na área.

O sistema de extração que chamamos autônoma é realizado durante os períodos em que o trabalho na roça exige menos cuidados, conforme o depoimento do índio O, da aldeia Lagoa Comprida :

Pesquisadora - Mas o trabalho com a folha prejudica a roça ?

O - *Não, até que não impata não, um dia na semana dá uma volta no mato, tirar uma semana só prá tirar folha, não impata não.*

Conforme os depoimentos, ainda hoje, quando ocorre de trabalharem sob o sistema de barracão, os índios dedicam-se à coleta do jaborandi, geralmente, no período posterior à colheita, entre os meses agosto e setembro.

No momento em que os índios executam o trabalho de preparo do solo para implantação dos roçados, muitos pés de jaborandi são cortados. Os depoimentos, de índios da aldeia Canudal, abaixo transcritos indicam a abundância com que esse recurso vegetal ocorre nas áreas indígenas pesquisadas.

Pesquisadora - Cortava era muito, quando iam botar roça ?

R.G - *Pois é, ninguém sabia, né, ainda hoje a gente corta.*

P- *É, geralmente aqui tem em todo lugar, o jeito que tem é cortar.*

Após a queima da roça, os pés de jaborandi que foram cortados tornam a brotar, sendo que desta vez com maior força, conforme depoimentos como o de seu P. por exemplo:

P - *Quando você vai botar roça, é preciso você cortar o jaborandi, só que ele não morre com o fogo. Você queima a roça, quando ele sai, sai formoso, sai bem viçoso mesmo .*

Os chamados tiradores, que trabalham no sistema arrendamento dentro da área indígena são em sua maioria camponeses que recorrem à extração da folha como atividade acessória nos momentos de menor exigência do trabalho agrícola. Está transcrito abaixo o depoimento do sr. B coletador de jaborandi na situação de arrendamento da área indígena no qual ele explicita a relação trabalho agrícola - extração do jaborandi:

Pesquisador - E como é que é essa história do jaborandi com a roça, por exemplo, ele não atrapalha ?

B - *Não, trapalha não, porque é o seguinte, bota a roça, aí naquele periodo de chegar o periodo de você plantar ela, naquele periodo você vai tirar o jaborandi. Quando chegar a de plantar, que você plantou e capinou, você terminou de capinar, aí você vai continuar no jaborandi, aí, enquanto chegar a época de colher, aí você pára.*

Pesquisador - Então o trabalho na roça não atrapalha ?

B - *Não, trapalha não, porque assim, na época mais necessária da gente mexer com a roça, a gente pára o jaborandi, aí quando você vence aquele prazo, de mexer com a roça, aí você vai mexer com o jaborandi. Esse ano eu não mexi mesmo com jaborandi, agora a maior parte mexeu.*

E. O escoamento do jaborandi

Em algumas regiões da Área Indígena Araribóia os próprios índios trabalharam na construção de estradas que servem para o escoamento do jaborandi. Atualmente, são várias as estradas de escoamento, sendo que algumas foram abertas com o objetivo de transportar madeira.

Nas áreas próximas ao PI Angico Torto o produto é transportado para Arame, pela BR 006, enquanto que nas áreas próximas ao PI Canudal, o produto é transportado para Amarante. Devido ao tamanho da área, não foi possível identificar todas as vias de escoamento do produto.

Na área próxima ao PI Canudal, o jaborandi colhido autonomamente pelos Guajajara é transportado pelos próprios índios, nas costas, até o povoado Vila Fortaleza, onde reside o chamado comprador. Esse último se responsabiliza pelo transporte do produto até Amarante, onde se localiza o depósito do fornecedor. No período de verão o jaborandi dessa área é levado pelos caminhões dos madeireiros, enquanto na época das chuvas é transportado de animal até Mucuiba e, de lá, nos Toyotas até Amarante.

Na área próxima a aldeia Lagoa Comprida, no período de chuvas o jaborandi é transportado em animais, geralmente burros, até a aldeia Guaruhu e, de lá, de Toyota até Amarante.

Quando o sistema predominante é o barracão, ou quando prevalece o arrendamento da área indígena por terceiros, a folha é transportada nos Toyotas de propriedade do fornecedor, sendo que esses carros são usados, também, para transportar os produtos das cantinas.

F. A questão da madeira e sua relação com o jaborandi

Apesar da exploração da madeira ter se iniciado a partir de 1990 nas áreas próximas ao PI Canudal, em outras regiões, como as áreas próximas ao PI Araribóia e Zutiwa, já acontecem há mais tempo, sendo que o fato de não termos visitado essas áreas, impossibilitou o registro de uma data.

As madeiras são extraídas das áreas por etapa, sendo que o critério determinante da ordem de exploração desse recurso é o valor da madeira. Nas áreas onde a exploração é mais antiga, as madeiras mais valiosas, tais como o cedro e o Ipê, já se extinguíram, sendo que agora estão sendo extraídas as chamadas madeiras brancas, tais como a copaíba e maracatiara.

A área entre os PI Lagoa Comprida e Canudal é considerada como sendo o centro da mata, ou seja, uma área onde a extração da madeira é recente. Atualmente a madeira explorada nessa área é o jatobá.

A extração da madeira na área indígena Araribóia acontece no verão, geralmente entre os meses julho e dezembro, devido a maior facilidade de penetração. Durante o inverno os caminhões ficam impedidos de passar, pois as estradas ficam alagadas.

O acordo para a extração da madeira é feito com os caciques, sendo que não foi possível aprofundar quais os atores sociais envolvidos nesse processo, nem a forma de distribuição do dinheiro entre os integrantes do grupo. Sabe-se, no entanto, que a rede de comercialização da madeira difere da rede de comercialização do jaborandi, apesar de em certas ocasiões o chamado motoqueiro, ser o mesmo tirador de folha.

No depoimento abaixo, um dos chamados gatos explica a questão da diferença entre a rede de comercialização da madeira e a rede de comercialização do jaborandi :

Pesquisador - E a madeira ?

O - *É outro sentido.*

Pesquisador - Outro sentido ?

O - *É, outro pessoal. Isso aí é gente da Barra do Corda, de Imperatriz, qualquer canto pode trazer um caminhão, trazer um madeireiro, e ficar comprando tora.*

O coletador de jaborandi da área próxima a aldeia Canudal, sr. B, descreve a seguir, as dificuldades enfrentadas tanto no trabalho na roça como naquele de derrubar grandes árvores para os madeireiros:

B- *Ó, eu tô com a idade de 42 anos, eu olho prá home mais velho do que eu, mas tem a feição que aparenta ser mais novo do que eu, logo meu trabalho, eu fui criado na roça e o tempo todo vivo na roça, e na roça é serviço pesado. Hoje eu fui prá acolá, fui*

carregado no caminhão, cheguei lá, estrada tava entupida, levamo motosserra, ai nós fomo olhar, prá roçar, tirar pau da estrada, e amanhã talvez ainda não vá carregar o caminhão, pau dessa grossura assim, no meio da estrada, ai eu com muito serviço .Atravessar pró mato assim não é fácil não.

O entrevistado considera o trabalho com a motosserra como uma arte, como se pode perceber no depoimento transcrito logo abaixo. Lembre-se que os trabalhadores rurais de diferentes regiões do Maranhão, costumam referir-se aos ofícios, como o de carpinteiro e outros, pelo termo arte. Aqui, a habilidade em manejar a motosserra, é apresentada como uma dessas chamadas artes.

...eu tenho a arte de motoqueiro, né, eu trabalho nela, agora ano passado eu trabalhei pouco, né, derrubei algumas árvores, s eis alqueires de pau, eu e um tio meu, agora esse ano tô querendo.

Uma área de concentração de muitos pés de jaborandi é chamada pelos índios de sororoca . Essas sororocas ocorrem nas chamadas costaneiras, encostas de partes mais altas da mata, regiões intermediárias entre os pontos mais altos e os locais baixos, úmidos, conhecidos como baixios.

Apesar de a madeira ser retirada principalmente das áreas planas, onde não se registra a ocorrência das chamadas sororocas, os índios apontam dificuldades em conciliar a extração da madeira e do jaborandi, isto porque, apesar de essas áreas de concentração serem mais frequentes nas conhecidas costaneiras, a planta existe em toda a área indígena, exceto nas chamadas chapadas.

Atualmente, a extração que estamos denominando de autônoma, tal como praticada pelos índios, ocorre na mesma área onde está sendo explorada a madeira. Assim, apesar de a extração da madeira levar à descoberta de novas áreas onde podem realizar a coleta de folhas, também contribuí para a extinção desse recurso natural. Os chamados motoqueiros, acampam na mata, onde fazem fogueiras e carvão de uma árvore chamada *caneleira*, espalhando fogo pela mata. Esse fogo, segundo os depoimentos, destrói muitos pés de jaborandi. Abaixo o depoimento do comprador O, sobre essa questão :

O: Ai nessa mata onde nós tava tirando folha lá, tem muita tora de pau rolada. Lá os cara entram com o maquinário fazendo estrada, hoje, lá donde nós tirava folha, caminhão vai lá dentro, eles entravam ai com máquina prá dentro, trator de esteira...

Desde quando os índios da área próxima ao PI Canudal passaram a vender a madeira, não trabalharam mais no sistema de barracão, preferindo arrendar a terra para os brancos, ou trabalhar ~~em~~ autonomamente. No verão, período de extração da madeira, o tipo de exploração do jaborandi que predomina é o trabalho dos índios por conta própria, sendo que o produto chega a ser transportado nos caminhões dos madeireiros.

Os produtos adquiridos com a venda da madeira funcionam como reserva para o período de inverno, quando o dinheiro é mais escasso. É comum durante o inverno os índios

venderem produtos tais como fogões, rádios, relógios a preços baixos nos povoados próximos.

Os índios afirmam que estão vendendo madeira tanto em função da queda no preço do jaborandi, quanto como alternativa ~~em detrimento da~~ não atenção que recebem dos órgãos oficiais, tais como a Funai, como veremos a seguir.

G. Relação dos índios com o órgão oficial

Segundo os índios, o governo apenas proíbe a extração da madeira, em vez de criar alternativas que permitam a reprodução do grupo face as novas exigências que o contato mais intenso com o branco lhes impôs. De fato, com o dinheiro adquirido na extração da madeira, os índios compram produtos que antes do estabelecimento de relações mais próximas com o chamado branco não necessitavam, tais como roupas, remédios, relógios e outros. Abaixo o depoimento do índio O, da Lagoa Comprida, sobre essa questão:

Pesquisadora: Com o dinheiro da madeira compra relógio...

O: *Relógio, gravador, tudo, fogão.. então o dinheiro tá movimentando pro nosso serviço mais um pouco, porque como eu falei do governo, só faz amansar e depois disso, pronto...*

Pesquisadora: Cada um que se vire?

O - *É, cada um que se vire, como nós anda aí, o governo proíbe de vender a madeira, que é todo negócio daqui, o governo não vai dar o calçado, o governo não vai dar dinheiro, roupa prá gente não...*

Pesquisadora - Então o governo proíbe a madeira mas não dá condição ?

O - *Não dá condição e assim a gente não pode fazer, tem que apelar naquilo mesmo, como bem dizer - a madeira, nós tem que vender madeira... se acabar aí Deus dá outro jeito de nós pegar no dinheiro ou na lavoura, né? planta muitas coisas, muitas roça e assim que já tá acontecendo, já tá acontecendo mesmo. Então hoje, de primeiro não tinha lugar de trabalhar, mas hoje em dia cada qual tem o lugarzinho de trabalhar, de botar roça, tá assim agora...*

A partir do depoimento abaixo, em que o índio O, da aldeia Lagoa Comprida afirma que os Guajajara já são mansos, pode-se perceber que os índios acabam por incorporar a própria ideologia colonizadora, que via os brancos como civilizados em oposição aos índios selvagens. O que ressalta de seu depoimento, porém, é a insatisfação com a FUNAI que os coloca no mundo dos não índios e não lhes dá oferece nenhuma alternativa de sobrevivência, a não ser depredar o seu próprio patrimônio, ou seja, os recursos naturais presentes em seu território:

O - *O governo amansa o índio aqui, assim como tem os Guajá, né, os Guajá tem tudo, tem dinheiro, tem roupa, tem tudo, os Guajá, mas depois que fica manso, como nós, não dá mais nada, índio que se vire... Não tem assistência, nem saúde. Pela lei assistência e saúde e professor, né, educação, mas aqui nós não tem....*

Quando O. afirma que o governo só dá assistência aos índios ainda não amansados ele evidencia o estado de abandono ao qual estão submetidos os índios que já estão em contato mais permanente com a sociedade nacional. Os Guajajara já não representam a

imagem exótica do índio, sendo vistos pelos órgãos oficiais como possuindo características que se aproximam mais dos camponeses. No entanto, sabemos que apesar de estarem em contato há séculos, continuam a constituir uma etnia, um povo com língua, território, organização social próprios.

A respeito do papel desempenhado pela Funai, no que se refere a fiscalização dos produtos retirados da área indígena, percebemos que inexistente qualquer tipo de controle por parte desse órgão. Ao contrário, sua ineficiência leva os índios a encontrarem outras alternativas de sobrevivência face ao contato.

Com o dinheiro adquirido com a comercialização da madeira, os índios compram produtos que o próprio contato lhes impôs.

No que se refere a extração de jaborandi, aparecem nos depoimentos denúncias do envolvimento de chefes de posto da Funai na rede de comercialização. Esse envolvimento se dá tanto a partir da negociação do arrendamento da área indígena com o chamado gato, quanto no papel de intermediário.

O depoimento abaixo demonstra o envolvimento dos chefes de posto na comercialização do jaborandi :

Pesquisador - Nessa compra de folha aqui, que o pessoal entrava aqui prá tirar folha, a Funai não falava não ?

Í - *Não, muitas vezes apanhava também as folhas, né, vendia prós mesmo que estavam comprando.*

Nas áreas onde a Funai desenvolve algum tipo de trabalho, os índios geralmente reclamam do caráter assistencialista da ação desse órgão e também manifestam desejo de aprender a lidar com seus próprios problemas, conforme o depoimento abaixo, do índio V., da aldeia Tiririca :

V : *Nós queremos assim, a Funai só apoie a gente mesmo.*

Pesquisador - Só apoiar ?

V - *É, apoie. E agora a pessoa só prá tá dando conselho - conselho é pouco, o conselho da Funai é não representar, ficar só indicando, nunca as pessoa aprender - vicia aquele conselho, né. Ficar só debaixo de conselho direto, nunca se aprende, é errado demais, a gente tem o que aprender, né ?*

Os índios apontam como sendo necessária não apenas a reprodução material, mas também o domínio dos conhecimentos fundamentais à garantia de seus direitos, tais como a aprendizagem das leis e do português, conforme a continuação do depoimento acima :

Pesquisador - Fazer também ?

V - *Tem que aprender, tem que aprender como é, o que é direito, a lei, como deve ser, como deve seguir, pode fazer a solidária com os outros, não? Mas tem muitas pessoas da Funai aí, não querem que participe, fique só lá, isolado mesmo, separado lá, aqui, o pouquinho que a gente aprendeu, nós quer aumentar mais. Que nós acredita nas pessoas que ensinou nós também, porque prá nós seguir com essa vida, né - Nós agradecemos também as pessoas que ensinou nós também falar português, clareou a letra... Agora tem gente que nunca ensinou nós, fica só prá querer enrolar todo mundo que tá em volta.*

Os índios se ressentem, também, do fato de o trabalho da Funai não atingir todas as aldeias, pois, segundo eles, aquelas que se localizam mais afastadas dos Postos Indígenas permanecem no maior estado de abandono. Abaixo, ainda, a continuação do depoimento do mesmo informante citado logo :

Pesquisador - *Tem posto aqui? Qual o lugar do posto?*

V : *Tem posto.*

P: *Quem é o chefe de posto?*

V : *Não sei não... não passam aqui, não mesmo. Tem os que passa ali, né, a Funai atrasa muito, a Funai é culpada também...*

P- *A Funai vem pouco aqui?*

V - *Pois é, aqui nós não tem Funai, tem Funai assim, porque passa pela estrada e vai lá pro Posto, né, mas aqui não tem Funai não...*

H. A importância do jaborandi na economia indígena

A exploração do jaborandi na fase inicial possuía um maior peso na economia dos índios, pois a procura por esse recurso natural, assim como sua abundância, era maior. Nesse período, os índios eram os únicos que trabalhavam na coleta da folha, no *sistema de barracão*, conforme já descrevemos neste relatório. Atualmente, os índios afirmam que a presença dos compradores está mais difícil, assim como houve uma queda crescente no preço do produto nos últimos anos. A questão da queda no preço da folha, deve-se ao fato de a empresa que sempre explorou e continua explorando o jaborandi, a Merck, já estar produzindo o jaborandi, na Fazenda Chapada, localizada em Barra do Corda.

Os índios da aldeia Lagoa Comprida, por exemplo, esperaram o jaborandi se regenerar durante três anos e, depois disso, no entanto, os compradores propuseram pagarlhes o preço equivalente a aproximadamente um pão francês pelo quilo da folha. Os índios se recusaram, então, tanto a trabalhar na extração, quanto a arrendar a área para que terceiros a praticassem.

Atualmente, o jaborandi representa aos índios o que eles denominam de o apelo e de quebra galho, ou seja, uma reserva de valor da qual lançam mão em momentos de necessidade. Nos dias de hoje é mais comum, portanto, arrendarem a terra ou praticarem a extração autonomamente..

Abaixo apresentamos trechos de depoimentos dos índios V. e O., já citados, a respeito da importância do jaborandi em sua economia :

V - *É, no verão ninguém mexe, muitas vezes tem um produto melhor, você esquece o jaborandi. Quer dizer que o jaborandi é o apelo.*

O - *No Barreiro eles sempre tiram, aquilo é um quebra galho, é um quebra galho.*

A venda do óleo de copaíba foi apontada pelos informantes como uma alternativa face a queda do preço do jaborandi, conforme palavras de R.P. já citado:

Pesquisadora - E tem um outro produto que substitua o jaborandi ?

R.P. - *Agora tá um produto novo, a copaíba.*

Pesquisadora - Copaíba ?

R..P. - Óleo de copaíba.

Pesquisadora - Vocês estão tirando agora ?

R.P. - *Não, o pessoal não tá tirando [no momento não estão extraindo] só que ela dá um dinheiro melhor um pouco que o jaborandi. É mais fácil, você chega é só furar a copaíba e põe a vasilha debaixo e deixa, depois você vai olhar. Esse produto da copaíba já*

foi explorado muito tempo, é, eu acho que eu era bem criança nessa época, eu não era nem criança, é, não era nem criança, o pessoal, uns exploravam a copaíba e levaram prá São Luis nas costas.

O comerciante que está comprando a copaíba atualmente, é o mesmo envolvido na rede de comercialização do jaborandi.

Apesar de se registrarem várias formas de utilização dos recursos arrecadados com o arrendamento da área indígena para fins de extração do jaborandi, os índios da aldeia Canudal descrevem um período no qual realizaram benfeitorias na aldeia com o dinheiro assim arrecadado, conforme o depoimento que segue, do seu R.P. da aldeia Canudal :

R.P.: Se precisar de alguma coisa, uma comparação: que a comunidade 'rapaz, vamo arrendar um mês de folha com fulano de tal, que precisamos de comprar isso, isso, isso'... uma comparação, esse motor ali, tem o gerador, não tem fio, os fio tudo esculhambado, né, aí pegamo o dinheiro prá comprar fio elétrico e comprar óleo diesel, né, prá consertar, aí tem que tirar a renda, prá comprar o quê tá precisando, né, um fio, uma coisa assim, né, que serve prá toda a comunidade...

A partir da comparação dos dois trechos de depoimentos abaixo transcritos, um correspondente ao período inicial e o seguinte ao período atual, podemos perceber a queda no poder de compra com o dinheiro arrecadado na extração da folha.

Pesquisador - Mas é importante, o jaborandi ?

V - Rapaz, no tempo que os índios tiravam muita folha, né, ele botava o pessoal prá tirar e andava com uma ruma de dinheiro e os índios que tirava a folha, comprava suas roupa, comprava seus calçado, tudo, comprava seus gravador, seus rádio, sua bicicleta, comprava tudo...

Pesquisadora - E agora, não compensa ?

O - É, passa o dia, ganha uma mixaria, perde tempo, né, principalmente quem tem família, né, porque uma lata de óleo tá quatro mil, uma carteira de cigarro tá dois mil e quinhentos, e a folha, que tem resultado, né, serve prá alguma coisa, não tem preço, então a gente acha melhor não mexer com a folha, eu digo é assim...

Para comprar uma lata de óleo os Guajajara dessas áreas precisariam vender aproximadamente onze quilos e meio de folhas de jaborandi, enquanto que para comprar uma carteira de cigarros, precisariam vender em média seis quilos do produto. Isto indica a deterioração do preço desse recurso vegetal, abundante nas áreas indígenas pesquisadas e do qual a Merck se serviu, por meio de intermediários, durante tantos anos, até estabelecer sua própria fazenda em Barra do Corda.

V - EXTRAÇÃO E EXTINÇÃO DO JABORANDI NO MARANHÃO

A. Relações de concorrência entre diferentes empresas voltadas à exploração do jaborandi no Maranhão

Para que se entenda melhor as causas da diminuição do jaborandi nativo é preciso conhecer as relações que se estabeleceram entre as principais empresas concorrentes nessa exploração nos anos em que a produção era, ainda, elevada.

A concorrência, como já se disse anteriormente, incentivou a super exploração, o que, entre outros motivos, contribuiu para a quase extinção da planta. Pode-se afirmar que a concorrência entre a MERCK e a FITOBRÁS pela exploração do jaborandi só teve um efeito positivo imediato durante os anos áureos dessa atividade, com a elevação do preço do produto que, posteriormente, despencou e nunca mais voltou ao patamar mais alto. Depois disso, não mais se aproximou de um nível que tornasse a atividade compensadora aos coletadores, chamados tiradores ou peões.

Vejamos o que o Sr. R., ex-fornecedor da FITOBRÁS informa a este respeito:

Eu acho que deveria ter assim um incentivo do governo... aí as pessoas interessadas prá continuar com a região e não acabar com esse jaborandi... porque, se é a melhor região produtora de jaborandi, por que não preservar? ter um controle sobre isso aí e responsabilizar as pessoas pelo que há, incentivar o plantio prá que esse jaborandi nunca acabe...

Observe-se que o informante aponta para a necessidade de intervenção do governo voltada ao incentivo da produção da folha, nas áreas indígenas e camponesas. Apesar da corrida que houve, nos anos 80, pela extração desse recurso natural; apesar de o Governo arrecadar impostos oriundos dessa atividade, pela circulação do produto dentro dos Estados do Pará e do Maranhão e entre estes e o Piauí e, ainda, apesar da exportação para a Europa, nunca houve qualquer manifestação oficial no sentido de coibir abusos e/ou controlar a extração desse recurso estratégico para o país.

Os fatos indicam que pela lucratividade do negócio eram as empresas exploradoras que orientavam os seus fornecedores por meio de panfletos e palestras, para que conduzissem a coleta de modo mais racional, como foi o caso da MERCK. A FITOBRÁS chegou a incentivar os camponeses a plantarem nas áreas de capoeira, como são denominadas as áreas de onde já colheram o arroz, feijão, milho, mandioca e que são deixadas em repouso para receberem novos plantios em ciclos agrícolas futuros.

A este respeito, o mesmo informante citado anteriormente fornece algumas informações:

Pesquisador - Vocês da FITOBRÁS não havia um tempo em que vocês andavam incentivando o plantio na capoeira?

R. - *Incentivamos...*

Pesquisador - Mas a Merck nunca fez isso?

R. *Nunca fez isso... a Merck inclusive ela faz é esconder. O pessoal da região veio saber prá que servia o jaborandi depois que entrou a FITOBRÁS (...) antes eles diziam que era prá fazer veneno, outros diziam que era prá fazer ração, outros diziam... inventavam tudo enquanto era coisa, nunca disseram que era prá extrair pilocarpina...*

Apesar da disputa flagrante das duas concorrentes, os incentivos no sentido da conservação do jaborandi nunca passaram de algumas bem intencionadas palestras, que jamais se converteram em recursos materiais que lhes possibilitassem empreender uma atividade de reprodução das espécies nativas extraídas. Pelo contrário, ao que tudo indica, a mais forte das empresas tratou, de imediato, da eliminação de sua concorrente principal, à proporção que esta possuía a tendência a caminhar na direção da integração entre produção e industrialização. Veja-se, a esse respeito o seguinte trecho de depoimento:

Pesquisador - Quer dizer que no Brasil, hoje em dia, quem tem o monopólio do jaborandi é a Merck?

É a Merck... (...) o tanto de dinheiro que a Vegetex gastou para comprar a Fitobrás que a gente vê o tanto que esse jaborandi tem valor...

Pesquisador - Foi muito caro, é?

Caríssimo, ela gastou o dinheiro, ela gastou absurdo, dinheiro demais... ela comprou trem, coisa velha, folha ardida, carro velho quebrado, que largou prá lá, nem foi atrás daquilo, folha que nem prestava, folha velha ardida. Essas folhas do Pará que foram tiradas e não deram nada, me parece, na época que tinha não sei quantas toneladas de folha, ela pegou comprou aquilo, jogou fora, ela não tinha serventia prá nada...(...) ela queria era acabar com a Fitobrás, de forma que acabou, que agora tá sozinha.

Pesquisador - Você acha que se tivesse concorrência os preços seriam melhores?

ah, melhorava, melhorava o preço... é ... tinha um controle maior, né? que ai eles iam se preocupar se estava acabando o jaborandi...

Pesquisador - Algumas pessoas falaram prá mim que a Fitobrás mandava jaborandi prá Anápolis, sabe alguma coisa sobre isso?

Não, não... porque Anápolis, veja bem, a Merck, até eu acho que isso ai foi uma coisa que fizeram de errado. A Merck apertou demais, deu muita concorrência, atrapalhou demais, porque os suíço, eles tavam, eles tinham comprado o terreno e já tavam montando lá em Anápolis a fábrica, inclusive eles iam trazer o laboratório com a refinaria e tudo prá por em Anápolis, o governo do estado tinha doado o terreno... tem o setor industrial, lá em Anápolis, então tinha doado o terreno e eles já estavam começando a construir, prá poder

trazer o laboratório prá cá. E tem também um tipo de laboratório que ele é, ele é acoplado em cima de um caminhão, um conjunto assim (...)O móvel e eles iam trazer prá cá, agora aqui eles extraíam já o subproduto todinho e levava só o subproduto prá Anápolis...

Pesquisador - E não chegaram a montar?

R. - Não, porque atrapalhou [a Merck]

Como se pode ver, a partir da aquisição da Fitobrás a Merck passou a ter o domínio absoluto do comércio do jaborandi no Brasil, herdando, inclusive, os clientes da outra, sendo que a briga pelo monopólio do comércio da folha ocorreu na época de mais intensa exploração. Mas, a concorrência, que propiciara aumento no preço do produto, acabou.

Se, para os chamados tiradores o efeito imediato da falta de concorrência foi a queda do preço, para os fornecedores a Merck não mais ofereceu aquelas vantagens ou incentivos adicionais, como adiantamento e lona para secagem, dentre outros. Podemos observar que houve mudanças na relação da Merck com seus fornecedores, logo que conseguiu ficar sozinha no mercado. Conseqüentemente, isso se refletiu em toda a rede de comercialização, à medida em que esta é movida pela força do capital da empresa monopolista.

B. Os fatores que contribuíram para exaurir o jaborandi nativo

Falou-se, anteriormente, que a concorrência entre as empresas contribuiu sobremaneira para escassear o jaborandi nativo no seu meio natural. Isso se deu, em primeiro lugar, pela intensificação da atividade extrativa, colocando-se grande quantidade de coletadores nas áreas de incidência à proporção que o preço subiu e compensava o deslocamento da força de trabalho camponesa e indígena das suas atividades tradicionais para a extração da folha.

A corrida pela extração de grandes quantidades, sem levar em conta a conservação do jaborandi e, ainda, o fato de as empresas exploradoras não incentivarem, concretamente, a reprodução da planta em seu ambiente natural, são, entre outras, causas que propiciaram uma ação antrópica devastadora, tanto nas áreas indígenas como camponesas. Adicione-se a esses fatores a coleta ininterrupta, durante anos seguidos, assim como a omissão dos órgãos oficiais destinados a zelar pela conservação e preservação dos recursos naturais, no que diz respeito à legislação que regula as atividades extrativas.

Em segundo lugar, cabe observar que a prática da extração da folha do jaborandi dava-se mais intensamente nas regiões de ocupação recente ou áreas de expansão agrícola. Nessas, quando da ocupação dos camponeses, a planta ocorria, de modo geral, em abundância, a ponto de ser encontrada nas proximidades das primeiras moradias construídas pelos camponeses. Depois, com o crescimento do povoado e a implantação das roças, cujo preparo demanda o emprego do fogo, as áreas de ocorrência foram ficando, cada dia, mais distantes. Há que se considerar que nas áreas indígenas também deu-se esse deslocamento das áreas de ocorrência, contudo, os motivos são outros, apesar de ambos os casos decorrerem do descontrole da ação antrópica. A este respeito, transcreve-se trecho de entrevista com o Sr. R.P., da aldeia Canudal:

Pesquisadora - Como é que era no começo?

O jaborandi aqui, no começo, tinha bastante jaborandi, quando chegava em qualquer uma região dessas, nesses setores de jaborandi (...) a gente encontrava bastante jaborandi. A gente saía um pouquinho, faturava 30 kg, 40, 50 Kg, não era? Agora, tá falido o jaborandi, a gente conhece que não tem mais o jaborandi como a gente encontrava outrora. Muito pouco jaborandi, aqui mesmo no Canudal, aqui na aldeia, de volta aqui a gente encontrava o jaborandi... as mulheres, principalmente as índias, aqui colhia o jaborandi com o marido... agora, as vezes, andam o dia todo atrás, traz cinco kg... antigamente trazia até 20 Kg mais ou menos, mas agora não...(...) quando eu cheguei aqui no Cari, o primeiro ano, um tio meu comprava jaborandi aqui dentro, ele saía nesse tempo com 3 mil Kg de folha quase num dia, nesse tempo não tinha quase branco... acho que branco que tinha tirando jaborandi aqui era eu, que nesse tempo eu já era casado, tava aqui dentro...(...) tinha índio que tirava até 90 Kg de jaborandi nesse dia...

Esses depoimentos atestam o acelerado processo de extinção do jaborandi nativo. É preciso explicitar-se, ainda, a ação antrópica conducente a essa destruição. A esse respeito, o índio R.G. da aldeia Canudal assim se expressa:

Pesquisadora: E o que tem contribuído para que esse jaborandi esteja se acabando? o que o senhor acha que tem contribuído?

R.G. - *A maioria que ficavam panhando, né, os brancos, cortava sempre os pé, cortava sempre os pé, como eu vi muitas pessoas cortando os pé, aqui mesmo, nessa área aqui, aí por isso, aí morreu um bocado, né, ficou só aqueles pezinho novo, desse tamanho que também a gente rapa e aí morre.*

P - Quer dizer que quando o pé é novo não tem como tirar?

R.G. *É, rapa, aí morre...*

Pesquisadora - Então o certo é tirar do pé já grande?

R.G. - *Já grande, né, aí pode tirar os pé, tem pessoas também que quebra a ponta dos galhinho prá tirar...*

São numerosos os depoimentos que apontam o modo inadequado de coletar a folha como uma das causas que leva à redução acelerada do jaborandi nativo. É, entretanto, importante observar que esta causa foi estimulada pela concorrência entre as principais empresas exploradoras dessa matéria prima vegetal para a indústria fitoquímica.

A este respeito, apresenta-se a seguir trecho do depoimento de R. fornecedor da Fitobrás já citado:

O que está havendo, o que houve com o jaborandi ao longo daquela grande concorrência que teve aqui entre a Fitobrás e a Merck é que tiraram, teve um apanho de jaborandi muito, muito desordenado - o pessoal entravam prá mata, porque o que interessava era a produção, então eles entraram cortavam os pés e tirava desordenado, quebrando os galhos (...) eles pegavam o jaborandi e quebrava os galhos e picava assim, porque o pau também pesava e o interesse deles era pesar, era peso...

Outra causa da redução do jaborandi, segundo depoimentos de agentes sociais envolvidos na rede de comercialização é sua extração contínua sem que se tivesse dado intervalo para que a planta se regenerasse. Na verdade, ocorre uma combinação de procedimentos inadequados que contribuem para a redução das espécies e, conseqüentemente, da produção da folha - a quebra dos galhos, o corte do caule da planta e a coleta ininterrupta.

A quebra dos galhos contribui para que a planta morra ou se recupere com dificuldade. No ano seguinte, se a planta velha foi cortada, é possível que nas suas imediações haja pequeninas mudas, nascidas das sementes caídas no chão, em fase de crescimentos, com tamanho inadequado para a extração.

Em se tratando de plantas antigas, cujas folhas foram extraídas inadequadamente, mas que não morreu, no ano seguinte se encontrará em fase de regeneração e apesar de se tratar de uma planta adulta, a maioria de seus galhos estarão cobertos de folhas novas, cuja extração não é aconselhada. Os coletadores, no entanto, não atentam para esse fato, terminando por causar o desaparecimento também dessa planta.

Os depoimentos indicam que a partir do momento em que a produção vai se escasseando o coletador passa a ser menos seletivo e começa a extrair pequenas plantas em estado incipiente de desenvolvimento, conforme o depoimento do Sr. R.P., já citado inúmeras vezes:

Quando o pé é pequeno ele fica ruim, ele fica duro de raspar. Você pega ele assim, muitas vezes consegue até arrancar. Você ranca ele, mas a gente usa a faca pequena. ou tora aquela ponta da folha dele, aí corta um pouco... só que ele desgalha um pouco, fica só um pouquinho, muitas vezes ele morre...

Com efeito, o informante esclarece o uso inadequado da faca, no ato de extrair as folhas:

Pesquisadora: E dizem que quando o pé é muito alto corta prá desgallar?

R.P. - *É. prá desgallar...quando o pé é muito alto..*

Pesquisadora - Quando vocês vão trabalhar vocês sempre levam uma faquinha?

R.P. - *Agora tá necessitando...porque ele fica ruim de puxar... antigamente ninguém tirava o jaborandi dessa forma, desse tamanho, ninguém tirava o pé de jaborandi com um metro, um metro de tamanho, muitas vezes até um pé de jaborandi com dois metros...um metro e pouco você ainda não tirava, tirava um pé de jaborandi grande, que rende mais...(..) agora com meio metro, até com 30 centímetros de altura você tira (...) porque não tem mais grande, difícil encontrar pé de jaborandi grande...*

O., índio da aldeia Lagoa Comprida também informa no mesmo sentido:

Pesquisadora - Porque me disseram que quando tira ela bem pequenininha, tira arrancando, aí quebra...

O - *é, tem vez que desse tamanho não presta mesmo de tirar não... o cara vai puxar e arranca aí é prejuízo... não nasce mais, tiraram muito ali desse jeito.*

Os depoimentos indicam que a redução da produção do jaborandi nativo não tem como causa um ou outro fator isoladamente, mas uma combinação de fatores que ocorrem simultânea ou seguidamente, contribuindo, desse modo, para o desaparecimento da planta. Além dos fatores apontados anteriormente, o fogo e a falta de chuvas anos seguidos também aparecem nos depoimentos de indígenas e camponeses, cantineiros e fornecedores como causas conducentes ao estado de redução acelerada da folha.

Os índios apontam, também, a ação de madeireiros no mesmo sentido:

O - *Aqui tinha muita folha, aqui na Cabeceira, mas esse fogo danado ai acabou com a folha*

Pesquisadora - mas esse fogo vem de onde?

O - *Daqui mesmo, dos caçador e agora mesmo foi madeireiro que tocaram fogo ali. Fizeram fogo na caneleira mesmo, ai a caneleira pegou fogo e embrenhou mata toda.*

Note-se que a caneleira é uma árvores muito utilizada, na região, para o fabrico do carvão para cozinha.

As plantas atingidas pelo fogo, quando não morrem, não se recuperam com facilidade, necessitando um tempo mais ou menos longo para voltar ao estado anterior, conforme aponta V., cantineiro de Pedra Preta:

A natureza mesmo, a mata aqui, queimou muitos trechos de mata que tinha muito jaborandi e morreu. Ai, só tem aqueles brotozinhos. Os brotos tá com mais ou menos um metro de altura, até hoje, depois de quatro anos, aquilo não cresce muito rápido não...(...) tá com quase quatro anos que o fogo estiorou a árvores e dentro de quatro anos os pé tão com um metro de altura... não tem condição de tirar ainda...

A estiagem, igualmente, segundo os depoimentos, também contibuiu grandemente para a extinção da planta.

C. O plantio e o replantio como forma de conservação

A partir do momento que se verifica uma queda brusca na produção, as empresas começam a tomar medidas de precaução, indicando a época melhor para a coleta da folha, de modo a manter a oferta de folha, acordo com seus interesses, em níveis aceitáveis para a indústria. Até então, ainda não havia um produção comercial em escala tal que permitisse à empresa prescindir da extração da folha nativa. Ainda hoje, apesar da produção em larga escala na Fazenda Chapada, de sua propriedade, a Merck adquire parte das folhas de que necessita do que denomina de "produtores independentes". Interessante notar que o mesmo processo ocorre no Baixo Parnaíba, de parte de siderúrgicas em relação à produção de carvão vegetal. Isto aponta para um interessante processo de terceirização, em que os recursos naturais são devastados pelos próprios trabalhadores, induzidos pela indústria e que, no entanto, são mostrados ao mundo externos como prósperos "micro-empresários". Na realidade, essas empresas jogam nas costas dos trabalhadores o ônus em relação à destruição de suas próprias áreas, colocando-os numa posição difícil em relação aos órgãos que deveriam fiscalizar a extração de matérias primas vegetais.¹⁴

Observa-se que toda a rede de comercialização se ressentem com a queda da produção da folha a ponto de todos apoiarem medidas de conservação indicadas pela Merck. Finalmente, pode-se depreender dos depoimentos que, apesar da queda da produção generalizada, ou seja, tanto em áreas camponesas como indígenas, estes últimos tiveram suas áreas menos depredadas, principalmente nas áreas em que a extração era realizada pelos próprios índios. Segundo os depoimentos, estes parecem ser muito mais cuidadosos com o meio ambiente. o que já foi apontado neste relatório.

Nas áreas de incidência do jaborandi, onde a extração predatória quase levou à extinção da planta, atualmente, os agentes sociais envolvidos já pensam em alguma forma de conservação. Não há, entretanto, nenhum movimento organizado no sentido do manejo adequado, a não ser as medidas de iniciativa das próprias empresas, já citadas.

No município de Amarante, na Área Indígena Araribóia, em algumas aldeias os moradores já estão permitindo que a planta se regenere e que possa voltar ao seu desenvolvimento normal, conforme o depoimento de O. da Lagoa Comprida:

Acabou, mas tá com mais de três anos de novo que não foi colhido de novo, nós estamos quase do mesmo jeito de novo... tem um bocado de folha...

Apesar de não constituir regra, várias aldeias dessa área indígena já incorporaram o descanso por um período, como forma de manejo para conservar a planta. Se os órgãos oficiais atuassem nesse sentido a preservação do jaborandi, por certo, seria conseguida, uma vez que já existe um certo entendimento de parte dos agentes atuantes no ramo a esse respeito. A continuidade da exploração do jaborandi nativo depende do modo como for dirigida a ação dos coletadores e comerciantes.

¹⁴ - A este respeito vide os relatórios de Maristela de Paula Andrade, encaminhados ao Seminário Consulta Carajás: Desenvolvimento ou Destruição?

Há quem pense, também, em plantar ou mesmo quem já tenha experimentado o plantio e o replantio do jaborandi à nível da pequena agricultura camponesa. Essas experiências não lograram muito êxito. Uns deixaram de fazê-lo devido à coleta furtiva, outros por falta de incentivo. Há, ainda, aqueles que acusam falta de recursos porque, segundo eles, a manutenção ou ampliação de uma área de plantio de jaborandi requer gastos com tratamentos culturais que, para os trabalhadores ou indígenas não compensaria. Além disso, o tempo necessário para que se proceda às primeiras coletas e a visão imediatista desses segmentos sociais também são, entre outros, fatores relevantes para que não tenham procedido ao plantio ou replantio dessas espécies.

Dona A., de Pedra Preta, se manifesta a esse respeito:

A - Se chegasse um incentivo e dinheiro para que ele pudesse fazer o reflorestamento dela, pegar os pezinho que tem e dizer: 'essa aqui eu vou plantar dentro do meu ... (...) ai plantasse, acerasse [fizesse o aceiro, contra o fogo] e dissesse: 'rapaz, isso aqui é o seguinte, é meu terreno e não vou aceitar tiradeira agora... se todos fizessem isso, quando fosse com dois anos...

Deve-se chamar a atenção para a possibilidade concreta que existe de se fazer a reprodução do jaborandi nas áreas de índios e camponeses, pois isso já foi realizado, em pequeníssima escala, com sucesso, em ambas as áreas e, apesar de se tratar de uma atividade acessória dentro de suas economias, não se pode descartar sua importância como renda adicional para essas famílias. No caso dos indígenas, como a grande maioria não pratica uma agricultura como aquela desenvolvida nas áreas camponesas, o cultivo da planta e sua extração sob manejo que propicie a auto-sustentação da atividade, seria de grande importância. A este respeito, informantes, de Pedra Preta, atestam:

C - Eu acredito que dava, porque tem muitos pezinho novo que dava prá cada lote fazer seu plantio (...) dava porque tem muitos pezinho e dava de deixar uma reserva junto da mata e sair plantando e aqui é de certeza que a localidade daqui dá plantio... ela aqui é nativa porque em qualquer local que se plantar ela ela se dá bem... no espaço de um ou dois anos tem muita folha, cada pessoa fazendo uma reconservação, pegando os pezinho e tornando a plantar, replantando...cada qual no seu lote, é muito fácil...

H.B - Dá, dá muita sim senhor... e é renda graúda

Apesar do otimismo demonstrado nos depoimentos anteriores, porém, houve trabalhador que desistiu de cultivar o jaborandi devido a dificuldades internas à comunidade, ou seja, à coleta por terceiros sem autorização. Entre os chamados fornecedores, apesar de algumas manifestações otimistas, há quem aponte as dificuldades para o plantio do jaborandi. Nota-se, porém, pelos seus depoimentos, que se baseiam em informações sobre o sistema de produção em larga escala implantado pela Merck em Barra do Corda - a preocupação com o tamanho da área, a tecnologia empregada, a grande quantidade de recursos financeiros e o sistema de irrigação.

Quanto à Merck, ao mesmo tempo em que dominou o comércio do jaborandi nativo, realizou estudos no sentido de dominar também a tecnologia de cultivo da planta. Pesquisou

várias espécies, selecionou, por meio de procedimentos técnico-científicos, as mais produtivas e iniciou, posteriormente, um programa de produção. Em 1989, adquiriu, em Barra do Corda, uma área de 2.600 ha, que denominou de Fazenda Chapada, na qual implantou um plantio extenso de jaborandi e fava d'anta. Nessa Fazenda, a empresa possui plantados mais de sete milhões de pés de jaborandi.

Deve-se, aqui, atentar para o fato de que, segundo depoimentos, foi justamente a partir de 89 que, além da produção, caiu também o preço do jaborandi nativo. A se julgar pela lei da oferta e da demanda, naquela data o preço deveria ter um ascenso, à proporção que diminuía a quantidade do produto no mercado. Devido aos estoques já formados, porém, a aquisição de sua maior concorrente e ao início de uma produção em larga escala, a Merck desaqueceu o mercado e fez o preço desabar.

Embora não se tenha visitado a Fazenda Chapada, o que se pretende fazer ainda, na continuidade do trabalho, pode-se coletar algumas informações a respeito, junto a fornecedores da Merck, como G.:

Faz cinco anos, né, mais ou menos cinco anos, de início, né, mas só a partir de 1990 que eles começaram a produzir. em qualidade, em baixa escala, quantidade e qualidade mesmo. A partir do ano passado, 92, a quantidade deles melhorou bastante eles estão produzindo qualidade excelente agora. mas eu acho que isso aí, a fazenda não é suficiente prá o consumo da indústria não...a indústria requer muito mais do que a produção deles...(...) aqui eles estão produzindo de primeira qualidade do jaborandi, mas eles conseguiram melhorar a qualidade do jaborandi prá tipo A, quase todas as áreas, todos os setores...

Essa grande produção que a empresa hoje possui iniciou-se com a coleta de sementes do jaborandi nativo das áreas indígenas e camponesas, conforme atestam os depoimentos:

Pesquisadora - quer dizer que teve uma época que eles pegaram também as sementes?

R.P. - *Pegavam a semente, pegavam... essa semente que eles levavam daqui, quer dizer, que o índio vendia a semente prá eles ou eles pegavam onde tava um monte de folha?* [pergunta a R.G. cacique da aldeia Canudal]

R.G. - *Não, os índios catavam mesmo. eu acho que eles vão panhar a folha e lá mesmo eles tiram, né, aí trazia e tirava de prato...*

Pesquisadora - E vendia a semente também?

R.G. - *Vendia ...vendia a folha separada e a semente também separada, vendia também por quilo também... por grama, né?*

Pesquisadora - Mas vocês levavam dois sacos separados, um prá folha e outro prá semente?

R.G. - *É...*

Pesquisadora: E os brancos, quando eles vieram trabalhar aqui, eles levavam a semente também?

R.G. - *Eles vendiam também, acertavam e vendiam também (...) dizendo os comprador que era prá comprar prá plantar, né?*

Conforme indicam os depoimentos, sabia-se, até, a melhor época para a coleta da semente da planta nativa nas áreas indígenas, ou seja, o mês de agosto.

Finalmente, espera-se ter podido fornecer, nesses itens, informações básicas sobre a extração, a extinção e as possibilidades de regeneração e recuperação desse recurso vegetal. Resta, ainda, indicar algumas pistas de atuação possível, caso se deseje continuar a pesquisa, no sentido de elaborar propostas favoráveis à exploração do jaborandi pelos próprios indígenas e camponeses.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, apesar de ter ocupado os pesquisadores durante mais tempo do que o previsto, ainda é preliminar. Numa outra etapa, pretende-se aprofundar a pesquisa voltando às áreas pesquisadas, visitando outras e coletando mais informações. Para tanto, será necessário realizar trabalho de campo no Xingu, no Pará, de onde também se tem notícias que é extraído o jaborandi e em outras áreas indígenas do próprio Maranhão, como aquelas de Barra do Corda. Além disso, será necessário tentar entrar na Fazenda Chapada, para observar in loco o cultivo intensivo da planta.

Um outro aspecto que ainda seria interessante aprofundar é a legislação brasileira e acordos internacionais sobre a exploração desses recursos vegetais estratégicos. Avançar na pesquisa sobre a biologia da planta também seria necessário, visitando centros de pesquisa como o Museu Goeldi e a EMBRAPA em Belém.

O trabalho realizado até aqui, no entanto, fornece informações acerca de como se deu o processo de deterioração desse recurso vegetal, por meio da ação da Merck e de outras empresas, mas, sobretudo, da primeira. Fornece elementos, também, sobre o violento processo de exploração dos coletadores incentivado pela empresa durante décadas. Enquanto o recurso vegetal se deteriorava, chegando a níveis próximos da extinção ou mesmo à extinção em alguns casos, a empresa preparava sua fazenda, com milhões de mudas. Nesse sentido se possui, agora, elementos básicos para uma interlocução com a empresa, se fosse o caso.

Qualquer proposta de intervenção junto a camponeses e/ou indígenas implicaria, porém, num trabalho de discussão com as próprias comunidades, a partir desse primeiro levantamento. Uma discussão junto a entidades que atuam nessas regiões, como o CIMI, acerca dos resultados desta pesquisa está programada, para que se possam levantar pistas que devem guiar a continuidade do trabalho. Além disso, pretende-se visitar entidades em Marabá, no Pará, que já possuem experiência de comercialização autônoma do jaborandi.

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo W.B.de - A guerra dos Mapas - repertório de fontes documentais para apoiar a leitura do mapa temático do Seminário Consulta Carajás Desenvolvimento ou Destruição?

JACOMINE, Paulo Klinger Tito et alii - Levantamento Exploratório - reconhecimento de solos do Estado do Maranhão, Rio de Janeiro, EMBRAPA-SNLCS/SUDENE-DRN, 1986

MERCK - Merck Nordeste, 1993

O ESTADO DO MARANHÃO - Caderno de Política, 21.10.93

REVISTA VEJA - ano 22, no 28, 05/07/89

ANEXOS